

SEX18AGOSTO

Sexta-feira
18 de Agosto de 2017
Edição n.º 5 • Ano 1

Coordenação:
DOMINGOS DOS SANTOS
MANUELA GOMES

Jornal de Angola



EFEMÉRIDE

Os ecos dos 100 anos
da cidade do Uíge
ANIVERSÁRIO • 4 E 5

CAFÉ

Aumento do preço
estimula
a produção local
RECEITAS • 15

MAIS ALUNOS



O sector que mais
cresce na Província
EDUCAÇÃO • 8 E 9

MUNICIPALIZAÇÃO

Hospital Provincial
com menos enchentes
SAÚDE • 6 E 7

SÍMBOLOS DO PASSADO

O poder tradicional
na Comuna do Alto Zaza
KIANVU MUANA UTA • 28

LUGARES MÍTICOS

Da lagoa do feitiço
às grutas do Nzenzo
TURISMO • 20 E 21

INVESTIMENTOS

Projectos avaliados
em 280 milhões de
dólares em força
no Negage
PÓLO INDUSTRIAL • 12 E 13

RELIGIÃO

As bodas de ouro
da Diocese do Uíge
IGREJA CATÓLICA • 30 E 31

Uíge

Terra de fortes tradições e gente trabalhadora

Do Negage a Maquela do
Zombo, do Bembe a
Quimbele, as relíquias
paisagísticas de uma
Província e a força de um
povo que preserva a sua
tradição e dá o valioso
contributo ao
desenvolvimento
de Angola

Nesta edição

3 De Sanza ao Uamba

Ravinas ameaçam cortar a circulação rodoviária

4 Ecos do aniversário da cidade do Uíge

Feira e espectáculo musical marcaram as festas

6 Hospitais municipais reduzem enchentes

Cada unidade tem 200 camas para internamento



8 Educação é o sector que mais cresce

Mais de 500 mil alunos matriculados neste Ano Lectivo

10 Garantir a auto-suficiência alimentar

Camponeses apostam no aumento da produção

12 Negage com grandes investimentos

Empresários investem forte no Pólo Industrial

15 Preço do café estimula a produção

Cafeicultores animados com a cotação do produto



16 Postal

Imagens que marcam uma Província em transformação

18 Paulo Pombolo

Os objectivos serão alcançados

20 Da lagoa do feitiço às grutas do Nzenzo

Potencialidades turísticas com histórias de arrepiar

22 Rede hoteleira dá força ao turismo

Os visitantes têm mais opções para hospedagem

23 Mais energia e água para a população

Província do Uíge com 89 megawatts de potência

24 Obras melhoram a circulação

Mais de 17 mil pessoas viajaram por estrada

25 Milhares de técnicos lançados no mercado

Formação profissional ajuda muitos jovens

26 Damba aposta forte na agricultura

Município possui características climáticas favoráveis

28 A tradição no Alto Zaza

A história do poder tradicional do rei Kyanvu Muana Uta

30 50 anos da evangelização

Diocese comemorou as bobas de ouro

Editorial

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Uíge comemorou os seus 100 anos de existência como cidade em transformação

A força de uma província

A força pujante do povo que diariamente se bate para reerguer e desenvolver a terra que tanto ama e bate no peito “eu sou do Uíge”, merecerá o tratamento neste Suplemento, que se concretiza com o apoio do Governo Provincial.

Andámos pelas estradas do Negage a Maquela do Zombo, do Bembe a Quimbele para oferecermos ao leitor as relíquias paisagísticas e o sorriso das crianças que descontraidamente correm pelas populosas aldeias e o acenar dos idosos a quantos passam desejando “Boa viagem”.

É invejável a coabitação harmoniosa entre os diferentes grupos etnolinguísticos do Uíge. Vivem de braços dados e para o mesmo sentido os bassossos, pombos, bahungus, bassucos, baxicongos, bazombos, bacongos, baiacas, ngingas, ngolas e outros que desde séculos e séculos decidiram fixar-se aqui. Vivem orgulhosos e unidos pelo amor que nutrem pela terra herdada dos antepassados.

Nesta edição mostraremos a vontade e a energia saída dos camponeses que se curvam ao trabalho para se alimentarem e contribuir para a diversificação da economia nacional.

Nos nossos dias, o Uíge volta-se para a dinamização da agricultura, cujos frutos começam a ser visíveis, com o incremento da produção da banana em grande escala, o regresso do cultivo do arroz e a inédita entrada em acção da soja. Procura-se a industrialização que permitirá transformar a província da produção agrária e pecuária e da extracção dos recursos minerais existentes no seu solo.

Há cada vez mais a certeza na proximidade do tempo em que a economia do Uíge vai alcançar robustez, a julgar pelos passos cada vez mais seguros que estão a ser dados em

todos os domínios. Observa-se a velocidade de retoma da produção e comercialização do café, aquele produto que muita alegria deu ao povo e permitiu gerar riqueza e construir muita infra-estrutura na época colonial.

A Universidade mantém-se evolutiva quanto à criação de condições para a entrada de mais jovens para o Ensino Superior, com a diversificação dos cursos e a instalação de laboratórios. É uma demonstração clara de que os que governam estão profundamente comprometidos com o futuro, através da formação e capacitação da nova geração.

Não é por acaso que muito recentemente foi descoberta nesta província uma enorme reserva da melhor madeira, o pau-preto. Tal facto só foi possível graças ao trabalho de investigação da nova geração saída das academias angolanas de Ensino Superior. Não é o pau de Cabinda, é apenas o pau-preto, aquela madeira preciosa que tem como habitat a região de Ambuíla.

Hoje vive-se na certeza de que a Província do Uíge vai conseguir rapidamente desvencilhar-se das dificuldades do passado e catapultar-se para o bem-estar social e económico das suas populações.

Para isso, urge, de forma honesta, que cada um na sua área de actuação faça alguma coisa que nos conduza ao desenvolvimento sustentável. Alcançaremos sim o que queremos se continuarmos unidos, não importando a diversidade de pensamento e de crenças. Foi assim que os antepassados resistiram, mesmo com meios rudimentares, a penetração colonial. Unidos, motivados e determinados, os uigenses travaram em Ambuíla a maior batalha militar jamais registada na história da conquista portuguesa de Angola. E hoje vencem os novos desafios do crescimento e da qualidade de vida.



COORDENAÇÃO: Domingos dos Santos e Manuela Gomes

PAGINAÇÃO: Adilson Santos, Rui Jacinto, e João Kiala

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO: Edições Novembro-E.P.

PROJECTO GRÁFICO: Jorge Ribeiro

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANOULA | JORNAL DOS DESPORTOS

PROPRIEDADE: Edições Novembro, E.P.
SEDE: Rua Rainha Ginga, 12-26
Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção: 222 020 174
Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073
Telegramas: Proangola
e-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:
António José Ribeiro (presidente)

ADMINISTRADORES EXECUTIVOS:
Victor Manuel Branco Silva Carvalho
Eduardo João Francisco Minvu
Mateus Francisco João dos Santos Júnior
Catarina Vieira Dias da Cunha
António Ferreira Gonçalves
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

ADMINISTRADORES NÃO EXECUTIVOS:
Olimpio de Sousa e Silva
Engrácia Manuela Francisco Bernardo

De Sanza ao Uamba

MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Ravinas
dificultam
a viagem de
automóvel

O bombó
é um
produto
essencial
na dieta
alimentar

Elefantes devastadores

No Uamba, manadas de elefantes atravessam as ruas de Quicuti, Quiquidi e Quimariamba, devastam as culturas de mandioca, bananais, palmeiras, canas-de-açúcar e outros alimentos.

Os animais selvagens gostam de habitar zonas calmas, pouco habitadas pelo homem, onde possam encontrar alimento e água em grande abundância. E no Uamba há condições para que os elefantes permaneçam ali, devido às densas florestas que a circundam.

Quando as fortes chuvas começam a cair de forma regular e intensa sobre a região, os precipícios das ravinas vão abrir-se mais. Vão faltar palavras para descrever o quadro.

A via ficará intransitável. Até mesmo de motorizada, torna-se impossível circular em alguns pontos da estrada. Os pneus dos motociclos engordam com a lama e só avançam depois de raspado o lodo. Andar a pé chega a ser a melhor solução.

Uma viagem de partir os ossos

No tempo seco, o terreno argiloso apresenta deformações que obrigavam a ter-se muita precaução em muitos pontos da via onde a terra dura e seca apresenta sinais claros de arrastões feitos por viaturas que ficavam soterradas na época anterior

José Bule

Em Julho, numa manhã de sexta-feira, Gelson Madaleno assustou-se quando viu o estado em que se encontrava a via que liga a sede municipal de Sanza Pombo à comuna do Uamba. Ao volante de uma viatura Ford Ranger 4x4, o gestor bancário tinha a plena certeza de que o troço de apenas 28 quilómetros podia ser percorrido em menos de 30 minutos, em segurança e conforto.

Três quilómetros depois de sair da vila, os pés do automobilista ficaram quase colados aos travões. Poucos metros depois de alcançar a aldeia de Maquila começou a odisseia. Gerson deparou-se com buracos assustadores e arrepiantes.

No tempo seco, o terreno argiloso apresentava deformações que o obrigavam a ter muita precaução em muitos pontos

da via, onde a terra dura e seca apresenta sinais claros dos arrastões feitos as viaturas que ficavam soterradas na época anterior.

As zonas arenosas também exigiam alguns cuidados. Era necessário traçar a viatura para não deixá-la enterrar nos grandes concentrados de areia fina. “Esta via está assim?”, questionou ele, para de seguida acrescentar: “Se eu soubesse que a estrada está nesse estado, não arriscava vir aqui por nada. Há sinais de ravinas em quase todo o troço”.

Trinta minutos depois, Gerson Madaleno era um homem exaltado. Os saltos provocados pelos inúmeros buracos incomodavam-no muito. As mãos ficaram trémulas e a viatura perdia terreno em relação ao Toyota Prado TXL dirigido por Ernesto Cabembe, um motorista calejado, habituado a circular em vias com níveis de degra-

dação ainda piores. Durante o conflito armado que assolou o País, Ernesto manuseava camiões e carrinhas de algumas organizações não-governamentais. Transportava alimentos, medicamentos e vestuário

Os animais selvagens preferem viver em zonas pouco habitadas pelos humanos onde podem encontrar a água e o alimento para sua sustentabilidade no local

para os deslocados de guerra, concentrados em várias localidades da província.

Numa das poucas paragens efectuadas no decorrer da via-

gem, para o pessoal “tirar água do joelho” e apreciar a bela paisagem formada pelas densas florestas do bosque que ladeiam a via, Cabembe lembrou que já passou por momentos difíceis.

“Isso não é nada. Se no tempo seco estão a gritar, já imaginaram como fica esta via no tempo chuvoso? Vários camiões ficam enterrados na lama e podem permanecer aqui até um mês. Ninguém sai de um lado para o outro. Fica tudo parado até aparecerem charruas para socorrerem os camionistas”, recordou.

Os relatos de Ernesto, ou simplesmente “Baixinho”, como é carinhosamente apelidado pelos colegas de trabalho, pelos cerca de 1,53 metros de altura, deixou o jovem Gerson apavorado. “Ainda bem que neste período não há chuva. Mas o Governo não vê isso?”, voltou a questionar. Apenas 28 quilómetros separam a vila de Sanza

Pombo da comuna do Uamba, mas a viagem é fatigante, dolorosa e stressante. Gerson Madaleno e Ernesto Cabembe demoraram uma eternidade para concluir o percurso.

Foram cerca de duas horas de viagem. Era difícil atingir uma velocidade de 40 quilómetros hora.

“Quem viaja naquele troço sente dores em todo o corpo. Os ossos também doem. Durante a viagem não é só a viatura que sofre danos. No interior da viatura, por causa dos saltos, levamos cada pancada...”, lembrou o gestor bancário.

No tempo seco, na estrada para o Uamba o terreno apresenta-se bastante degradado em quase todo o percurso. O troço apresenta-se bastante sinuoso para a circulação automóvel, com grandes e pequenos buracos. A situação vai piorar com a chegada das chuvas.

Centenário



Ecos do aniversário da cidade do Uíge

Praça da Independência foi centro de festa e negócios nas comemorações dos 100 anos da antiga cidade de Carmona, assinalado a 1 de Julho. O local apresentou um cenário diferente do habitual e foi palco de um espectáculo de multidões, assistido por mais de 40 mil almas, em que dançaram e cantaram os mais conceituados artistas da nossa praça nacional

José Bule

A cidade do Uíge completou 100 anos de existência a 1 de Julho deste ano. As ruas estavam animadas e engalanadas com artefactos luminosos. O trânsito era menos fluído nas principais artérias. Já se observavam, por exemplo, engarrafamentos nas ruas Dr. António Agostinho Neto, Comandante Bula, 1.º de Agosto, Café e, principalmente, nas ruas Industrial e do Comércio.

Era grande o movimento de pessoas e viaturas. Já não havia buracos na cidade. Taparam-se todas as cavidades que atrapalhavam a movimentação de veí-

culos. Nos dias de festa, os hotéis ficaram superlotados. Centenas de pessoas, entre naturais e amigos do Uíge que vivem noutros pontos de Angola, juntaram-se aos habitantes para participarem na maior festa, organizada todos os anos na província.

Os munícipes procuram o melhor lugar para se divertirem. Já é tradição a festa começar com o lançamento de fogo de artifício à meia-noite do dia 1 de Julho.

O espectáculo de pirotecnia durou entre 20 a 30 minutos e foi assistido por milhares de pessoas. Apesar do magnífico efeito luminoso que provocou, a explosão do fogo de artifício produziu um barulho ensurdecedor, às

vezes assustador, que tira os dorminhocos da cama. A maioria já não voltou a dormir depois daquele momento único: um festivo de imagens deslumbrantes.

As mulheres e jovens empreendedores ocupavam os espaços livres da cidade. No decurso das festas, a cidade foi transformada num grande centro de folia e negócios.

Alguns bairros circunvizinhos apresentavam-se de "cara nova". No Popular, Mbemba Ngango, Pedreira e Candeeiro, as ruas foram asfaltadas e sinalizadas.

Os seus moradores despediram-se dos charcos de água que surgiam com as chuvas, e das grandes nuvens de poeira que



Antiga cidade de Carmona recebeu muitos visitantes durante as comemorações dos 100 anos de existência

Na cidade e bairros periféricos decorrem trabalhos de reabilitação e ampliação da rede de abastecimento de água. As obras, que caminham para a recta final, prevêem a instalação de 137 quilómetros de rede para permitir mais de 20 mil ligações domiciliárias

eram produzidas no tempo seco. Na cidade e arredores foram reabilitados e asfaltados mais de 20 quilómetros de ruas, melhorando desta forma a circulação de pessoas e veículos.

Os esgotos receberam manutenção, os lancis foram reparados e os ramais das sarjetas desentupidos. Para que as águas das chuvas não voltassem a acumular-se sobre o novo asfalto. Foram colocados tampões novos nas valetas.

As obras de reabilitação das ruas nesses bairros contemplaram também a substituição do pavimento dos passeios e calçadas. A energia eléctrica deixou de ser um problema para os cidadãos

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

FILIFE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



As ruas da cidade do Uíge foram todas decoradas para assinalar o Centenário

FILIFE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



A cidade registou um movimento de viaturas nunca antes visto

há alguns anos. A cidade nunca esteve tão iluminada como nos dias que correm. A energia proveniente de Capanda tornou-se na principal garantia para o êxito das festas. O problema da água começa a ser resolvido. Fez-se um grande investimento. A implementação do Programa “Água para todos”, e o de Investimentos Públicos, permitem que mais de 60 por cento da população tenha acesso à água potável.

Na cidade e bairros periféricos decorrem trabalhos de reabilitação e ampliação da rede de abastecimento de água. O projecto, que caminha para a sua recta final, prevê a instalação de 137 quilómetros de rede para permitir que sejam efectuadas mais de 20 mil ligações domiciliárias, só no município sede (Uíge).

Neste momento, a água corre em abundância nas torneiras dos bairros Pedreira, Benvindo, Cacuiua, Bungo, Kilamba – Kiáxi, uma parte do Popular e outra do Candombe Velho.

Praça da Independência

A Praça da Independência, que este ano apresentou um cenário completamente diferente do habitual. Continuará a ser o principal ponto de concentração de pessoas, montagem de tendas para exposição ou comercialização de produtos. Foi lá que aconteceu o espectáculo das multidões.

O local chegou a registar mais de 40 mil almas, que tudo fizeram para ver e ouvir cantar os mais conceituados artistas da nossa praça. Nos dias de festa tornou-se comum ver artistas como Yuri

da Cunha, Ary, Yola Semedo, Matias Damásio, Calado Show, Yola Araújo, Yannick Afroman, W King, Rey Loy, Noite e Dia, entre outros, actuarem num gigantesco palco montado na Praça da Independência.

Na Praça da Independência e no largo da Rádio Uíge foram colocados carrosséis e instalados parques infantis, onde crianças aproveitaram a ocasião para também fazerem a festa. Se um grande número de pessoas vivia momentos únicos de folia, outros preferiram controlar e contar os lucros provenientes dos pequenos negócios montados em vários pontos da cidade

Ali, milhares de pessoas procuram festejar da melhor maneira possível os Cem anos da cidade. Houve de tudo um pouco, desde o jissombe frito, macoco (catatos), fúmbua, funge de bombó e de milho, carne de caça, macasquila, grilo frito, feijão de óleo de palma,

maruvo (bebida extraída do bordão ou da palmeira), lunguila (bebida extraída da cana) e uma grande diversidade de bebidas industrializadas.

Tal como nas edições anteriores, a fumaça dos churrascos voltou a arrastar-se para bem longe daquele espaço. A maioria não resiste e acorre ao local para devorar frangos grelhados ou pinchos de porco. A Praça da Independência ficou transformada num verdadeiro “matadouro” à moda antiga. O gado bovino e caprino era abatido, talhado e comercializado ali mesmo, a céu aberto.

No interior das barracas de luando e das tendas foram introduzidas arcas frigoríficas ou caixas térmicas apetrechadas com grande diversidade de bebidas alcoólicas, refrigerantes, e muito gelo. Já, na parte exterior das mesmas, grelhadores de diversas formas e tamanhos eram utilizados para assar as carnes, frangos e peixes que servem de

No local e no largo da Rádio Uíge foram colocados carrosséis ou instalados parques infantis, onde as crianças aproveitaram a ocasião para também fazerem parte da festa. Se um grande número de pessoas vivia momentos únicos de folia, outros preferiram controlar e contar os lucros dos pequenos negócios montados na cidade.

As festas da cidade do Uíge são também uma oportunidade para muitos filhos voltarem à terra que os viu nascer. Este é o caso de João Massaki, residente

em Luanda, que todos os anos aproveita esta ocasião para voltar a antiga cidade de Carmona para matar saudade. “O meu trabalho não me permite visitar a cidade de Uíge com muita regularidade e normalmente como marco as minhas férias neste período, aproveito para cá vir para também festejar o seu aniversário”, explicou Massaki.

Para além dos naturais, as festas da cidade do Uíge já começam a atrair cada vez mais pessoas de outras do país e até mesmo do estrangeiro. Bernardino da Silva é natural de Luanda, onde nasceu há 34 anos, conta que foi convidado por amigos naturais do Uíge, participar nas festas do centenário do Uíge. “Não conhecia a cidade do Uíge, mas confesso que estou gostar imenso de cá estar e estou admirado com o nível de organização das festas. Estou adorar e acredito que no próximo ano vou voltar para comemorar os 101 anos da cidade do Uíge”, disse.

Já António Carvalhais, português, participou pela segunda vez nas festividades da cidade do Uíge. Acompanhado de amigos, contou que desde a primeira vez, em 2016, que se apaixonou pela cidade e pela sua gente simpática e acolhedora. “Gosto imenso de estar aqui no Uíge. A gente ouve falar de tanta coisa, mas quando chega aqui é completamente diferente. As pessoas são muito simpáticas e acolhedoras, e nesta altura de festa é uma maravilha”, afirmou Carvalhais.

Expo Uíge criou postos de trabalho de ocasião

Na Praça da Independência, local onde decorreu a ExpoUíge, montar barracas de luandos ou tendas, carregar barotes de um ponto para o outro, cavar buracos para fixar os paus, acarretar água, lavar a louça, servir comidas e bebidas aos clientes, publicitar uma empresa e proteger propriedades, eram algumas das vagas disponíveis para os jovens interessados em ganhar algum dinheiro. O transporte do carvão vegetal, bidões de maruvo, sacos de bombó, caixas de refrigerantes e de cerveja, vinho, whisky, tábuas ou ferros, rendeu-lhes algumas centenas, ou mesmo milhares de kwanzas, ao fim do dia.

Passageiros não faltavam aos taxistas. As viaturas circulavam carregadas de gente e mercadorias. A maioria dos camiões que chegavam à cidade do Uíge tinha como ponto de paragem a Praça da Independência. Muito cedo, quando a maioria dos vendedores voltava das compras nos armazéns e mercados, a carne de gazela, paca ou vaca já temperadas, ficavam à espera dos fregueses.

A maioria das vendeiras procurava criar as mínimas condições para que os clientes aparecessem e se mantivessem retidos nos seus postos de venda. Bebidas, como a cerveja, por exemplo, eram vendidas fresquinhas e a comida era muito boa. A mulher baçongo mostra o canudo quando o assunto é gastronomia. Na cozinha ninguém lhe aguenta. Nas suas barracas encontramos, a preços acessíveis, pratos como o funge de bombó com fúmbua, macayabo, muteta, carne de caça, muamba de ginguba, quizaca, macasquila (folha de feijão) e outros alimentos típicos da região.

As festas organizadas no Uíge por ocasião do aniversário da Cidade, “cuíam bué”, dizem os convivas. Muitos deixaram-se levar pelo ambiente e fingiram esquecer-se da crise financeira. Apesar da subida de preço dos produtos nos mercados, informal e formal, adivinhava-se que o dinheiro do salário do mês de Junho fosse pouco para sustentar os vícios e vontades que surgiram no mês de Julho.

FOTOS: MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



A Praça da Independência acolheu as Festas da Cidade do Uíge, que apresentaram a riqueza da Província em vários domínios

Saúde



Novos hospitais municipais reduzem enchentes

Nos últimos anos, foram construídos hospitais nos municípios do Songo, Puri, Bungo e Mucaba, que contribuem agora para a melhoria dos serviços de assistência médica e medicamentosa nestas localidades, reduzindo o número de doentes que no passado eram enviados para o Hospital Geral do Uíge, localizado na capital provincial.

António Capitão

Nos municípios de Ambuíla, Bembe, Alto Cauale, Milunga, Maquela do Zombo e Quimbele decorrem obras de construção de hospitais. Alguns encontram-se já em fase de acabamento e vão reduzir as enchentes na maior unidade hospitalar da província do Uíge.

Cada um dos hospitais municipais terá capacidade para 200 camas e vai oferecer serviços de pediatria, maternidade, raio-x, morgue, banco de urgência, cirurgia, laboratórios de análises clínicas, emergências médicas, hemoterapia, estomatologia, pediatria, consultas gerais, além dos serviços de lavanderia, refeitório e outras áreas de apoio.

Nos últimos anos, foram construídos hospitais nos municípios do Songo, Puri, Bungo e Mucaba, que contribuem agora para a melhoria dos serviços de assistência médica e medicamentosa nestas localidades, reduzindo o número de doentes que no passado eram enviados para o Hos-

pital Geral do Uíge, localizado na capital provincial.

A Directora Provincial de Saúde, Madalena Diogo, sublinhou que, fruto das acções que têm sido executadas desde 2002, o número de hospitais, que era apenas seis, cresceu para 14. Os centros de saúde passaram de 28 para 94 e os centros materno-infantis, de oito para 22. Os postos de saúde, de 136 para 256.

A Província do Uíge dispunha apenas de 1.015 técnicos de saúde, dos quais apenas três eram médicos, dois técnicos de enfermagem, 968 auxiliares de enfermagem e 24 técnicos de diagnóstico.

Actualmente, são 2.503 profissionais, sendo 31 médicos, 120 enfermeiros licenciados, 911 técnicos de enfermagem, 121 técnicos de diagnóstico e terapêuticos, além de 918 auxiliares administrativos e de apoio hospitalar.

A malária, em 2002, tinha uma taxa de incidência de 456 casos, num universo de mil pessoas. Actualmente, a doença situa-se em 155 casos para o mesmo número de indivíduos. A tripanossomíase, que tinha 711 doentes

— ■ —
A Província do Uíge dispunha apenas de 1.015 técnicos de saúde, dos quais apenas três eram médicos, dois técnicos de enfermagem, 968 auxiliares de enfermagem e 24 técnicos de diagnóstico. Actualmente, são 2.503 profissionais, sendo 31 médicos, 120 enfermeiros licenciados, 911 técnicos de enfermagem, 121 técnicos de diagnóstico e terapêuticos, além de 918 auxiliares administrativos e de apoio hospitalar.

reduziu para apenas oito enfermos até ao ano passado.

Novos serviços

O Hospital Geral do Uíge conta desde o ano passado com novos serviços especializados em cardiologia, oftalmologia, imagiologia, urologia, gastroenterologia e otorrinolaringologia. Também foram criados serviços de bancos de urgência mais específicos para algumas áreas de atendimento hospitalar, que reduziram consideravelmente o número de pacientes transferidos para outros hospitais do País.

O Director Clínico do Hospital Geral do Uíge, David Diavanza, disse que até ao ano passado o hospital funcionava apenas com dois bancos de urgência, um de pediatria e outro de consultas de adultos, que aglutinavam todas as especialidades. “Mas agora, temos três. Um atende a pediatria e outro a medicina. As áreas de cirurgia e ortopedia têm agora um banco de urgência disponível”, disse o especialista em medicina geral. Também houve uma maior diversificação nas consultas exter-

nas, que abrange os serviços de cardiologia, onde são atendidos pessoas com doenças cardiovasculares, hipertensão e outras cardiopatias. “O médico cardiologista tem a capacidade de efectuar localmente os diagnósticos com o electrocardiograma ou a ecocardiografia”, explicou Diavanza.

O serviço de oftalmologia, que antes funcionava apenas com um técnico médio, tem agora dois médicos especializados. Com a instalação dos serviços de urologia, os doentes com problemas de próstata ou de traumas da uretra já não precisam de deslocar-se para outras províncias.

Com a presença dos dois médicos especializados em otorrinolaringologia fica assegurada a assistência aos doentes que apresentam problemas de saúde relacionados com esta área da medicina, que necessita com urgência de um aparelho de endoscopia para melhorar o seu trabalho.

Na área de gastroenterologia, são resolvidos os problemas dos intestinos e do estômago, com um único médico em serviço que

FILIPE BOTELHO|EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



FILIPE BOTELHO|EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

O Hospital Geral do Uíge conta com serviços especializados em Cardiologia, Oftalmologia, Urologia, Imagiologia e muitos outros



Muitos doentes que contraíram tuberculose fogem ao tratamento médico

As novas unidades hospitalares municipais estão apetrechadas com equipamentos de ponta

tem conseguido dar solução às hemorragias digestivas.

A imagiologia é outro serviço que começa a funcionar nos próximos dias na maior unidade hospitalar desta Província. Nesta dependência foi instalado um equipamento de radiografia que permite captar imagens dinâmicas, com maior qualidade e resolução, e um aparelho para exames de Tomografia Axial Computorizada (TAC), que devido à falta de um médico especializado está por utilizar.

As principais patologias registadas no Hospital Geral do Uíge são o paludismo, as doenças cardiovasculares, as do foro metabólico, como a diabetes e complicações do fígado, doenças infecciosas de origem cirúrgica, com realce para a peritonite, e os traumatismos causados por acidentes de viação.

Sanatório com muitos casos

O Director-Geral do Hospital Sanatório do Uíge, Quiala Godi, manifestou preocupação com o aumento do número de doentes infectados com tuberculose nesta Província, que ocorrem àquela unidade de saúde especializada no tratamento da doença, que chega a ficar sem espaço para internar mais pessoas.

Os índices de infecção tendem a aumentar, uma vez que em 2014 tinham sido diagnosticados 700 doentes. No ano seguinte, o número subiu para 900 e em 2016 a cifra atingiu os 1.103 doentes. “Só no terceiro trimestre deste

ano foram diagnosticados mais de 500 casos positivos. A maioria dos doentes são homens que estão na faixa etária dos 15 aos 35 anos de idade. Além da má nutrição, uma das causas para o aumento do número de doentes com tuber-

A maior parte dos doentes faz tratamento ambulatorio e os casos que apresentam estado avançado de contágio ficam sob cuidados médicos nas salas de internamento. O Hospital Sanatório do Uíge funciona com 40 especialistas, três dos quais são médicos, 15 enfermeiros, dois técnicos de laboratório e um de raio X. Os restantes são administrativos.

culose é o uso abusivo e excessivo de álcool, provocando a falta de apetite e diminuindo as capacidades de defesa do organismo. Desta forma, as pessoas ficam vulneráveis ao contágio”, sublinhou Quiala Godi.

O médico evelou com preocupação o diagnóstico de doentes infectados pelo Vírus de Imunodeficiência Humana (VIH),

doença que reduz a capacidade das células de defesa no organismo, facilitando o surgimento da tuberculose no indivíduo.

Quiala Godi referiu que em 2016, dos cerca de 1.195 casos de tuberculose diagnosticados, pelo menos 160 tinham, ao mesmo tempo, o contágio pelo bacilo de Koch e VIH, representando cerca de 13,4 por cento.

Com capacidade para 70 camas, o Hospital Sanatório é o único estabelecimento de saúde que interna doentes com tuberculose na Província do Uíge.

Para além das normais dificuldades, esta unidade funciona com normalidade. Ali são feitos diagnósticos e rastreios aos doentes que ocorrem às consultas externas. Em caso de resultado positivo e de apresentarem alguma gravidade, os pacientes são internados no estabelecimento.

A maior parte dos doentes faz tratamento ambulatorio e os casos que apresentam estado avançado de contágio ficam sob cuidados médicos nas salas de internamento. O Hospital Sanatório funciona com 40 especialistas, três dos quais são médicos, 15 enfermeiros, dois técnicos de laboratório e um de raio-x. Os restantes são técnicos administrativos e de apoio ao serviço hospitalar.

O número de pessoal técnico é insuficiente. Para o seu normal funcionamento, o Hospital Sanatório devia ter, pelo menos, 30 enfermeiros e aumentar o número de técnicos de diagnóstico no laboratório, de dois para 10.

A rede de saúde do Uíge

- 200** Camas em cada Hospital Municipal
- 14** Hospitais de Referência
- 94** Centros de Saúde
- 256** Postos de Saúde
- 22** Centros Materno-Infantis

Abandono do tratamento

Muitos doentes abandonam o tratamento. Apesar das campanhas de sensibilização, os técnicos do sector não conseguem convencer os doentes a concluírem a medicação. Apenas metade dos doentes conclui o processo curativo. No Uíge, a taxa de mortalidade nos doentes com tuberculose ronda cerca de cinco por cento dos internados no sanatório. Mas, em relação aos co-infectados com VIH o número pode atingir os 17 por cento. O Director-Geral do Hospital Sanatório do Uíge defende um aumento do número de infraestruturas de saúde vocacionadas para o tratamento da tuberculose.

Segundo ele, a maior parte dos doentes tem famílias desestruturadas, partindo do pressuposto que são maioritariamente alcoólatras e separados das esposas, o que faz com que sejam abandonados à sua sorte no hospital e sem apoio familiar.

Quiala Godi lamentou o facto de a população ter algumas crenças de doenças, que na medicina convencional são tipificadas como tuberculose, enquanto elas acreditam serem do foro tradicional, como é caso da tuberculose ganglionar, designada localmente por “quissongo”, e a tuberculose óssea (giba).

Educação e Ensino Superior

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



O número de alunos tem vindo a aumentar desde 2002 e hoje são mais de 514 mil matriculados no Ensino, na maioria no Ensino Primário

pelo menos 29.648 adultos receberam aulas de alfabetização”, disse o responsável. No presente Ano Lectivo, o sector admitiu mais de 600 novos professores. Agora, o número de docentes que assegura o processo de ensino-aprendizagem dos 514.725 alunos matriculados é de 13.981. Em 2017 a Província do Uíge abriu mais oito escolas, totalizando 1.249 estabelecimentos de Ensino.

O director da educação está preocupado com a não conclusão do processo de actualização das categorias dos professores e directores

Quanto ao número de alunos matriculados, nos últimos anos verificam-se decréscimos percentuais no Ensino Primário e Secundário porque em algumas localidades da Província do Uíge muitos pais e encarregados de educação não incentivam os filhos a irem à escola. “A taxa de aproveitamento e desistências em algumas localidades desta Província são visíveis. O número de professores também conheceu um decréscimo devido aos casos de dupla efectividade, reformas, transferências e mortes.”

Avanços no sector

Com a inserção de milhares de alunos no sistema normal do Ensino, como resultado das várias acções de construção e reabilitação de escolas na Província, o sector da Educação registou avanços significativos.

Manuel Zangala avançou que as acções de construção e reabilitação de escolas, devidamente apetrechadas com carteiras, quadros pretos e mobiliário de última geração, estabilização do Programa de Alfabetização e Acesso Escolar, abrangência da merenda escolar nos municípios, multiplicação dos programas curriculares e sua distribuição nas escolas, além da municipalização dos serviços de inspecção e da distribuição gratuita de manuais aos alunos do ensino primário, contribuem para o êxito alcançado até agora.

O Director Provincial da Educação destacou ainda o apetrechamento das bibliotecas nas escolas do I e II Ciclo do Ensino Secundário, a inclusão da Língua Nacional Kikongo e da disciplina de Empreendedorismo nas escolas e o desenvolvimento das Zonas de Influência Pedagógica (ZIP) e do Projecto Aprendizagem para Todos (PAT), como factores que concorrem para a redução do número de crianças fora do sistema de Ensino.

O Director Provincial da Educação manifestou-se preocupado com a não conclusão do processo de actualização de categorias dos professores da Província, falta de promoção das categorias dos professores e dos directores nomeados, que não auferem salários na função, insuficiência de salas e de professores para cobrir a procura em toda a extensão da Província, sobretudo nos municípios fronteiriços com a RDC.

O sector que mais cresce no Uíge

De 2002 a 2008 foram construídas 106 novas escolas na Província do Uíge. Com isso, o número de professores subiu para 11.712 para atender um universo de 333.886 alunos matriculados.

José Bule e Nicodemos Paulo

O Sector da Educação é o que mais cresce desde a conquista da paz, em 2002, quando o número de alunos matriculados no Ensino Primário e no I e II Ciclo do Ensino Secundário era de 198.333, distribuídos por 1.033 escolas, com aulas asseguradas por 7.014 professores.

De 2002 a 2008 foram construídas 106 novas escolas. Com isso, o número de professores subiu para 11.712 para atender

um universo de 333.886 alunos matriculados, 290.852 dos quais frequentavam aulas do Ensino Primário e 43.034 do Ensino Secundário.

Já em 2012 o número de alunos cresceu para 364.211 e o de professores para 14.060. De 2008 a 2012, a Província do Uíge passou a ter 1.176 escolas. Até 2013 foram construídos mais 23 estabelecimentos de ensino que permitiram albergar um total de 399.904 alunos no sistema normal do Ensino.

No ano seguinte, o registo era de 457.948 matriculados da 1.ª à

12.ª Classe. Mas o número de professores baixou de 14.257 em 2013 para 13.988 em 2014. Durante este período, muitos professores abandonaram o sector em busca de melhores salários noutras instituições públicas e privadas da Província do Uíge.

Mais de 40 mil adultos foram alfabetizados entre os anos de 2002 a 2013. Com o sector da Educação a registar mais uma redução do número de professores, menos 110 do que no ano anterior, ainda assim o número de alunos matriculados subiu

para 480.016, sendo 362.872 no Ensino Primário e 117.144 no Secundário. A quantidade de escolas aumentou com a construção de 32 novas. Até 2015 o número de adultos alfabetizados já era de 55.876.

O Director Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia do Uíge, Manuel Zangala, disse ao *Jornal de Angola* que, em 2016, o registo era de 497.391 alunos, sendo 375.684 matriculados no Ensino Primário e 121.707 no Secundário, 1.241 escolas e 13.318 professores. “No ano passado

Outras inquietações apresentadas pelo responsável do sector da Educação no Uíge têm a ver com a falta de segurança pública em muitas escolas da Província, com maior incidência para as do Ensino Primário e do I Ciclo, falta de preparação metodológica dos professores do Ensino Primário em regime de monodocência e com o elevado índice de docentes do Ensino Primário sem formação pedagógica.

Ensino superior

Uíge tem 13.088 estudantes matriculados no Ensino Superior, sendo que 5.378 estudam na Universidade Kimpa Vita e 7.710 no Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED).

Fundada em 2009 pelo Decreto nº 7/09, de 12 de Maio, do Conselho de Ministros, a Universidade Kimpa Vita, na 7ª Região Académica, que compreende as províncias do Uíge e do Cuanza-Norte, iniciou as actividades em 2011 nas instalações do ISCED do Uíge, mudando-se para o antigo PUNIV, actual Escola do II Ciclo do Uíge, no Bairro Quixicongo.

A instituição ganhou em 2012 um Campus Universitário na zona do Condo Benze, cerca de cinco quilómetros da cidade do Uíge. Constituída por dois edifícios, alberga as três unidades orgânicas em funcionamento, nomeadamente, as Faculdades de Economia e de Direito e a Escola Superior Politécnica.

Na província do Uíge, a Universidade Kimpa Vita conta com 5.378 estudantes, sendo que 2.563 estudam na Escola Superior Politécnica do Uíge (ESPU), 1.927 na Faculdade de Direito e 888 na Faculdade de Economia.

Além dos cursos de Direito e

O Campus Universitário tem 25 salas de aulas, seis laboratórios de ensino, uma sala de vídeo conferência, duas bibliotecas, uma reprografia, seis balneários, três salas de reuniões e 36 gabinetes administrativos

Economia administrados nas faculdades correspondentes, a ESPU tem disponíveis cursos de Contabilidade e Gestão, Enfermagem, Engenharia Informática e Agronomia.

A população estudantil registou um grande crescimento. A Universidade tinha apenas um total de 1.760 estudantes matriculados na sua abertura em 2011. Desde que foi criada, a Kimpa Vita já formou 763 licenciados nos mais diversos cursos.

O Campus Universitário tem 25 salas de aulas, seis laboratórios de ensino, uma sala de vídeo-conferência, duas bibliotecas, uma reprografia, seis balneários, três salas de reuniões, 36 gabinetes administrativos, incluindo os dois onde funcionam os serviços da Associação de Estudantes, dois campos polidesportivos e um campo de futebol de 11.



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Aposta num ensino de qualidade começa a dar frutos com a formação de quadros competentes e dedicados

Professores e investigadores

A Universidade Kimpa Vita tem 170 professores e dezenas de investigadores e mais de 300 técnicos administrativos. Para o ano académico 2017, foram admitidos 1.250 estudantes.

Até Dezembro de 2017, a Escola Superior Politécnica do Uíge prevê lançar 197 licenciados no mercado de trabalho, sendo 59 licenciados em Contabilidade e Gestão, 35 engenheiros informáticos, 96 enfermeiros e sete engenheiros agrónomos. A Faculdade de Direito lança um total de 10 e a de Economia 15 licenciados.

Com o objectivo de melhorar a qualidade do ensino, a Reitoria da Universidade Kimpa Vita aposta na elevação dos níveis de formação dos docentes da instituição. Fruto de um acordo com várias universidades de Portugal, França, Brasil e Bulgária. Dezenas de professores frequentam cursos de Mestrado e Doutoramento nesses países.

Projectos em curso

A Universidade dispõe ainda de 437.78 hectares de terreno para ampliação do Campus Universitário do Uíge. Em relação aos projectos de investigação científica, a instituição aposta na construção de um Jardim Botânico, cuja finalidade é a manutenção e colecção de documentos das plantas vivas para fins de investigação científica, conservação, exposição e educação ambiental. Outro projecto, da Fazenda

Experimental, vai permitir a realização de estudos em matéria de ciências agrárias, biológicas e tecnológicas, para servir de apoio às aulas práticas do Curso de Agronomia, principalmente.

A Universidade também realiza estudos das doenças tropicais mais frequentes na província, contribuindo desta forma nas acções de combate às enfermidades. A instituição tem disponível um internato com capacidade para 100 lugares, um centro de saúde, uma farmácia, residência para os docentes, ginásio, lavandaria, refeitório, cozinha e uma quadra desportiva.

O Centro de Saúde recebe obras de ampliação para ser transformado numa Clínica Universitária, para servir de apoio aos cursos de saúde administrados naquela instituição do Ensino Superior, além de garantir melhor assistência ao pessoal docente, aos estudantes e funcionários administrativos.

A Universidade Kimpa Vita desenvolve um projecto informático para o melhoramento do tratamento dos dados estatísticos do hospital municipal do Bungo e de formação técnica dos funcionários daquela unidade sanitária.

Na cidade do Uíge, o projecto "Um Estudante de Enfermagem uma Família" está permitir que sejam colhidas informações úteis sobre o modo de vida e bem-estar das famílias.

MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Universidade Kimpa Vita integra a 7ª Região Académica de Angola

Viveiro da formação de docentes

Desde 2003, ano em que saíram os primeiros licenciados que o ISCED do Uíge demonstra notável influência na expansão da rede escolar da província e na criação da Escola Superior Pedagógica de Cuanza Norte.

Criado em 1997, o ISCED do Uíge já lançou para o mercado do emprego 2.608 licenciados, grande parte deles absorvidos pela função pública local.

Além dos jovens naturais do Uíge, nos últimos 20 anos o ISCED acolheu e formou estudantes provenientes das províncias do Zaire, Malanje, Cuanza Norte, Bengo e Luanda.

O ISCED do Uíge surgiu na sequência da criação do então Centro Universitário do Uíge, em Agosto de 1997, com apenas dois cursos: Ensino da Psicologia e Pedagogia, com o objectivo de formar professores para os vários níveis de ensino, além de colocar à disposição da Província professores de alto nível, com elevadas qualidades morais, científicas e pedagógicas indis-

pensáveis para o êxito e desenvolvimento do País, pautando-se pela competição, inovação tecnológica e crescente exigência de conhecimentos.

Actualmente, o ISCED do Uíge assegura a formação de quadros para o Ensino, administrando cursos superiores de Pedagogia, Ensino de Psicologia, História, Matemática, Filosofia, Biologia, Física, Química, Geografia, Línguas Portuguesa, Inglesa e Francesa, Ensino Especial, Primário e Pré-Escolar. Com 33 salas de aulas, um anfiteatro, três laboratórios e uma biblioteca, além dos gabinetes administrativos, esta instituição funciona com 140 professores para um total de 7.710 estudantes.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do ISCED do Uíge, para o Decénio 2016-2026, a instituição pode ser elevada à categoria de Universidade Pedagógica da VII Região Académica de Angola, a ser constituída inicialmente por três faculdades.

MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Crescimento no número de estudantes universitários do Uíge

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Informatização para a investigação científica no Campus Universitário

Agricultura



Província quer garantir a auto-suficiência alimentar

Com fertilidade nos solos, um clima favorável e recursos hídricos em abundância, a Província do Uíge tem enormes potencialidades agrícolas que estão a ser exploradas e permitem já alcançar algumas das metas definidas pelo Executivo Central e Provincial.

António Capitão

Num período em que impera a necessidade de diversificar a economia nacional para alavancar outros sectores capazes de gerar receitas para os cofres do Estado, a agricultura continua a ter um papel preponderante. No Uíge, os responsáveis do sector, camponeses e agricultores apostam forte no aumento da produção agrícola para tornarem a região auto-suficiente, produzindo excedentes para o mercado nacional e para a exportação.

Com a fertilidade dos solos, clima favorável e recursos hídricos em abundância, a Província do Uíge tem enormes potencialidades agrícolas que permitem alcançar as metas preconizadas pelo Exe-

cutivo Central e Provincial. O sector da Agricultura desenvolve as acções contidas no Plano Provincial de Desenvolvimento (PPD), como a construção e apetrechamento de infra-estruturas de apoio à produção.

A Estação Agrícola do Nosso, no Município da Damba, e as acções de distribuição anual de factores de produção, sementes e os fertilizantes, vão contribuir para o aumento da produção e da produtividade, além de garantirem a segurança alimentar e nutricional das populações.

Constam das acções em curso o aprovisionamento de equipamentos, tractores com alfaías, motobombas para irrigação, moínhos, catanas, enxadas, limas, machados, entre outros. “Também promovemos acções de assis-

tência técnica aos produtores locais, para o fortalecimento do comércio rural e escoamento da produção”, disse o Director Provincial da Agricultura Desenvolvimento Rural e Pescas, Eduardo Gomes.

Segundo Eduardo Gomes, para a execução do plano, a prioridade recai para as acções de formação e capacitação dos quadros técnicos do sector, líderes comunitários e membros das associações de camponeses e cooperativas agrícolas, desenvolvimento, melhoria e melhoramento e expansão dos pequenos regadios e estimular o agro-negócio na Fazenda Sanza Pombo, município com o mesmo nome, e na Fazenda Girangola, no Município do Negage.

Durante a campanha agrícola de 2016, registou-se uma pro-

dução de 3.647.310 toneladas de produtos diversos, com realce para a mandioca, banana, feijão, amendoim, milho, arroz e outras culturas consideradas complementares. Mas estes números não representam o potencial produtivo global da província, tendo em conta que ainda há regiões que não fazem parte do controlo estatístico da Direcção Provincial da Agricultura.

Na Província do Uíge, estão cadastrados 237 mil agregados familiares, 1.191 Associações de Camponeses e 10 Cooperativas Agrícolas, além de outros produtores consolidados que também beneficiam de apoios do Governo Provincial e do Ministério da Agricultura.

O sector da Agricultura, através do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA), distribuiu na campanha agrícola 100 toneladas de fertilizantes e 200 toneladas de sementes de milho, feijão, massambala e massango aos camponeses, “com o objectivo de aumentar a produtividade e garantir a segurança alimentar e nutricional das populações locais”, frisou Eduardo Gomes.

“A Mecanagro encontra-se inoperante e está numa fase de reestruturação. Ainda assim, existem alguns parceiros do Ministério da Agricultura que têm participado na mecanização de parcelas de terra. A maior parte do trabalho é feito de forma rudimentar com enxadas, catanas, ancinhos e outros equipamentos”, disse o

— ■ —
A Delegação da Agricultura e o Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA) distribuíram na campanha agrícola 100 toneladas de fertilizantes e 200 toneladas de sementes de milho, feijão, massambala, e massango aos camponeses com objectivo de aumentar a produtividade e garantir a segurança alimentar e nutricional das populações locais

Director Provincial. Esta Província atingiu a auto-suficiência na produção da mandioca e banana. Com esses produtos, os agricultores da região abastecem o mercado local e a Província de Luanda. “Estamos a trabalhar para nos tornarmos também auto-suficientes noutros produtos em que a Província tem grande potencial”, concluiu Eduardo Gomes.

EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Couves produzidas nas grandes fazendas agrícolas do Uíge

Défice na produção de hortícolas é acentuado

O Director Provincial da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, Eduardo Gomes, reconhece que há um défice acentuado na produção de hortícolas na região. Mais de 90 por cento deste tipo de culturas são provenientes das províncias de Benguela, Cuanza-Sul, Malange e Luanda.

Para inverter o quadro e garantir a sustentabilidade, estão a ser desenvolvidos projectos de criação de viveiros comunitários para a produção de plantas hortícolas nos municípios do Uíge e do Negage.

“Esta Província tem grande potencial para produzir em grande escala hortícolas. Por isso, estamos a gizar estratégias para que a breve trecho possamos diminuir a compra desses produtos a partir das províncias de Benguela, Cuanza-Sul, Malange e Luanda”, disse o Director Provincial da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas,

Desta forma, os agricultores da Província do Uíge vão poder adquirir, nos próximos meses, diversidades de plantas para colocarem nos seus campos agrícolas. “É verdade que existe um défice na produção de hortícolas na região. Mas estamos a tranquilizar os agricultores, porque os projectos em causa vão dar resposta positiva à necessidade de se produzirem grandes quantidades de tomate, cebola, pimento, beringela e repolho”, acrescentou Eduardo Gomes.

Para Eduardo Gomes, os empresários devem investir neste sector da Província para o desenvolvimento da agricultura e a instalação de indústrias para transformar o excedente que se começa registar em alguns produtos, como a mandioca e a banana.

“A nossa ideia é que os empresários instalem as suas indústrias no interior da Província, no sentido de reduzirem os custos de produção e criarem postos de trabalho para os jovens. Para isso, o Governo da Província está a trabalhar na melhoria do abastecimento de água, fornecimento de energia, reabilitação das vias de circulação”, disse Eduardo Gomes, recordando que a aposta na agricultura é um factor determinante para o desenvolvimento da Província do Uíge.

FOTOS. EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Os agricultores querem a instalação de indústrias no campo para transformarem o excedente e reduzirem os custos de produção

Números da agro-pecuária

3.647.310 Toneladas de Produtos

1.191 Associações de Camponeses

10 Cooperativas Agrícolas

100 Toneladas de Fertilizantes

200 Toneladas de Sementes de Milho

15.274 Cabeças de Gado Bovino

136.780 Cabeças de Gado Caprino

192.874 Cabeças de Gado Suíno

327.222 Aves

237 Mil Agregados Familiares

Programa Provincial de Repovoamento Animal

O Programa Provincial de Repovoamento Animal (PPRA) vai ser inserido na Cooperativa do Planalto de Camabatela (Cooplaca), devido à operacionalização do matadouro instalado na região. Cinco municípios da Província do Uíge fazem parte desta Cooperativa, nomeadamente: Negage, Bungo, Alto Cauale, Puri e Uíge.

No Uíge, a população animal é estimada em 15.274 cabeças de gado bovino, 136.780 caprinos, 192.874 suínos, 72.828 ovinos e 327.222 aves

distribuídas por quintas, fazendas agropecuárias e cooperativas de criadores, sem contar os números da criação familiar.

Agronegócios

A Direcção Provincial da Agricultura e a Direcção Provincial do Comércio desenvolvem acções com vista à promoção do comércio rural e do agro-negócio, através da realização de feiras agropecuárias nos municípios. Eduardo Gomes, Director Provincial da Agricultura, sublinhou

que o objectivo é permitir que os camponeses escoem facilmente a sua produção, aumentem o rendimento e melhorem as condições de vida. “As feiras são locais que facilitam o encontro entre produtores e compradores para a realização das trocas comerciais. Os resultados alcançados com a realização destes mercados são positivos, na medida em que têm sido transaccionadas enormes quantidades de produtos e arrecadados muitos rendimentos para as famílias.”

EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Pólo Industrial



Negage recebe investimentos milionários

O Pólo Industrial do Negage ocupa uma área de 1.560 hectares, onde estão a ser instalados sistemas de abastecimento de água, energia eléctrica, serviços de incêndio, sistemas de tratamento de águas residuais, comunicações, arruamentos, passeios, redes de drenagem, locais de depósito e recolha de resíduos sólidos, plataformas de transportes e logística

António Capitão

Trinta e dois projectos de investimentos avaliados em 280 milhões de dólares foram apresentados por empresários nacionais e estrangeiros para serem desenvolvidos no Pólo Industrial do Negage, revelou ao *Jornal de Angola* o Director Provincial da Indústria e Geologia e Minas, Baptista Bunga.

A área reservada é de 1.560 hectares, onde estão a ser instalados sistemas de abastecimento de água, energia eléctrica com redes de baixa e média tensão, iluminação pública, serviços de incêndio, sistemas de tratamento para águas residuais domésticas e pluviais, comunicações, arruamentos, passeios, redes de drenagem, locais de depósito e de recolha de resíduos sólidos, plataformas de transportes e logística, árvores.

Baptista Bunga frisou que os investidores já receberam os respectivos lotes, num total de 77 hectares, sendo que 17 já possuem as promessas de transição do

direito de superfície, nomeadamente, a ALUPERFIL e a AGRISA, que já iniciaram a vedação dos terrenos.

Pelo menos dois mil postos de trabalho directos vão ser criados com a implementação dos projectos no Pólo Industrial do Negage.

As empresas SECAPS, SDEGM e AGRISA vão dedicar-se à produção de chá, sumos de frutas e lacticínios e a AJP-JAT, Fazenda João Adriano e Mário Balalau & Filhos pretendem investir em carpintaria e serrações para a transformação da madeira em mobiliário.

A SOICAFÉ vai montar uma moagem e torrefacção de café, enquanto a Neve Novo investe na instalação de uma fábrica de sacos de plástico. A DMT & Filhos prevê construir uma fábrica de chapas de zinco onduladas e tubos galvanizados, enquanto a ALUPERFIL vai fabricar alumínio e estruturas metálicas.

A FANTIVER e a SELISNOVA investem na produção de tintas, vernizes, processamento de frutas, milho e feijão, respectivamente.

Enquanto o sector industrial aguarda pela implementação de projectos de grande dimensão no Pólo Industrial do Negage, noutras localidades da província começam a surgir pequenas indústrias que estão a contribuir para a produção de alguns produtos essenciais, para satisfazer as necessidades em bens e serviços

Outros investidores que também solicitaram espaços no parque industrial do Uíge são a TALVI, que vai construir um posto de

abastecimento de combustíveis, venda de lubrificantes e prestação de serviços. A JMP vai produzir e vender equipamentos de segurança electrónica, a Maria Júlia instalar uma fábrica de confecções de roupa e a CALUMONA BUSINESS COPORATION investe no fabrico de sabão, sabonetes e detergentes.

A CERONE investe na construção de uma cerâmica para o fabrico de tijolos e peças ornamentais e a PELEANGOL vai construir uma unidade industrial de curtumes de pele bovina. A BELO EXPRESS cria condições para produzir batata frita e a MASSAMBA tem tudo preparado para dar início à construção de uma fábrica de derivados de soja.

Além dos projectos previstos, no Pólo Industrial de Negage já funciona uma fábrica de colchões de espuma, duas cerâmicas, uma unidade fabril de água mineral e outra de cimento-cola.

“As principais exigências para o funcionamento do Pólo Industrial, além das infra-estruturas, é o fornecimento regular de energia eléctrica e água. Nestes por-

menores estamos acautelados com a passagem da linha de transporte de energia de alta tensão proveniente da Barragem Hidroeléctrica de Capanda e pelo facto do local ser circundado por uma bacia hidrográfica”, sublinhou o Director da Indústria e Geologia e Minas, Baptista Bunga.

Indústria ligeira

Enquanto o sector industrial aguarda pelo desenvolvimento de projectos de grande dimensão no Pólo Industrial do Negage, noutras localidades da Província do Uíge começam a surgir pequenas indústrias que estão a contribuir para a produção de alguns produtos essenciais para satisfação das necessidades em bens e serviços.

Pelo menos 87 pequenas unidades fabris, entre padarias, pastelarias, carpintarias, moagens, serralharias, centros de descasque e torrefacção de café, moagens, serrações, fábricas de colchões de espuma, de blocos de cimento, de chapas de zinco, de engarrafamento de água de mesa, de fabrico de gelo em barras, estu-

FOTOS: EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



A fábrica foi uma das primeiras a serem instaladas no Pólo Industrial do Negage



A água "Cesse" já é vendida nas superfícies comerciais de Angola

A linha de enchimento permite engarrafar milhões de garrafas

fadoras egráficas foram licenciadas pela Direcção Provincial da Indústria e Geologia e Minas.

Dados estatísticos revelam que as padarias e pastelarias produziram 16.525.650 pães, bolos e produtos similares.

A torrefacção SOICAFÉ produziu 21.670 quilogramas de café, a indústria de água de mesa CESSE do Negage embalou 4.059.872 garrafas de 0,5 e 1,5 litros, enquanto a fábrica de produtos de espuma VIMO fabricou 3.992 folhetos de espuma, 546 calotes de espuma e 11.646 colchões.

As fábricas de blocos de cimento produziram 174.064 unidades, enquanto as carpintarias, serrações e marcenarias fabricaram 23.884 artefactos de madeira, entre mesas, cadeiras, janelas, portas, camas, estantes, beliches, carteiras, cadeirões e caixões. Foram ainda processados 166.478 metros cúbicos de madeira e barrotes.

"Nesta Província funcionam dois projectos de desenvolvimento agro-industrial de iniciativa privada, nomeadamente a Fazenda Barragem do Manso, que herdou o património antes gerido pela AGRICULTIVA, que se dedica ao processamento de carne, produção de ração animal, hortícolas, ovos, criação e comercialização de frangos, enquanto a Fazenda Lusselua, no Município de Sanza Pombo, produz e empacota sacos de arroz de cinco e 25 quilogramas que tem servido de alimentação para a população da província", pormenorizou Baptista Bunga.



Unidade industrial conta com tecnologia de ponta



Muitos jovens encontraram aqui o seu primeiro emprego

Os resultados do investimento

280 Milhões de dólares em investimentos

4 Milhões garrafas de água de mesa

11.646 Colchões produzidos

Exploração de diamantes

Segundo o responsável do sector, há boas perspectivas em relação à concessão de licenças de exploração semi-industrial de diamantes para as dezenas de solicitações ao Ministério da Geologia e Minas. "Este programa vai permitir a criação de centenas de postos de trabalho e contribuir para o desenvolvimento da região, tendo em conta o aumento do poder económico das suas famílias." Baptista Bunga precisou que 13 dos 40 projectos de exploração semi-industrial de diamantes, cujos pedidos de licença deram entrada na Direcção da Indústria e Geologia e Minas, vão ser implementados nos municípios de Quimbele, 14 em Sanza Pombo, 12 no Milunga e um nos Buengas. Outras duas empresas aguardam pelo licenciamento das suas actividades para se dedicarem a pros-

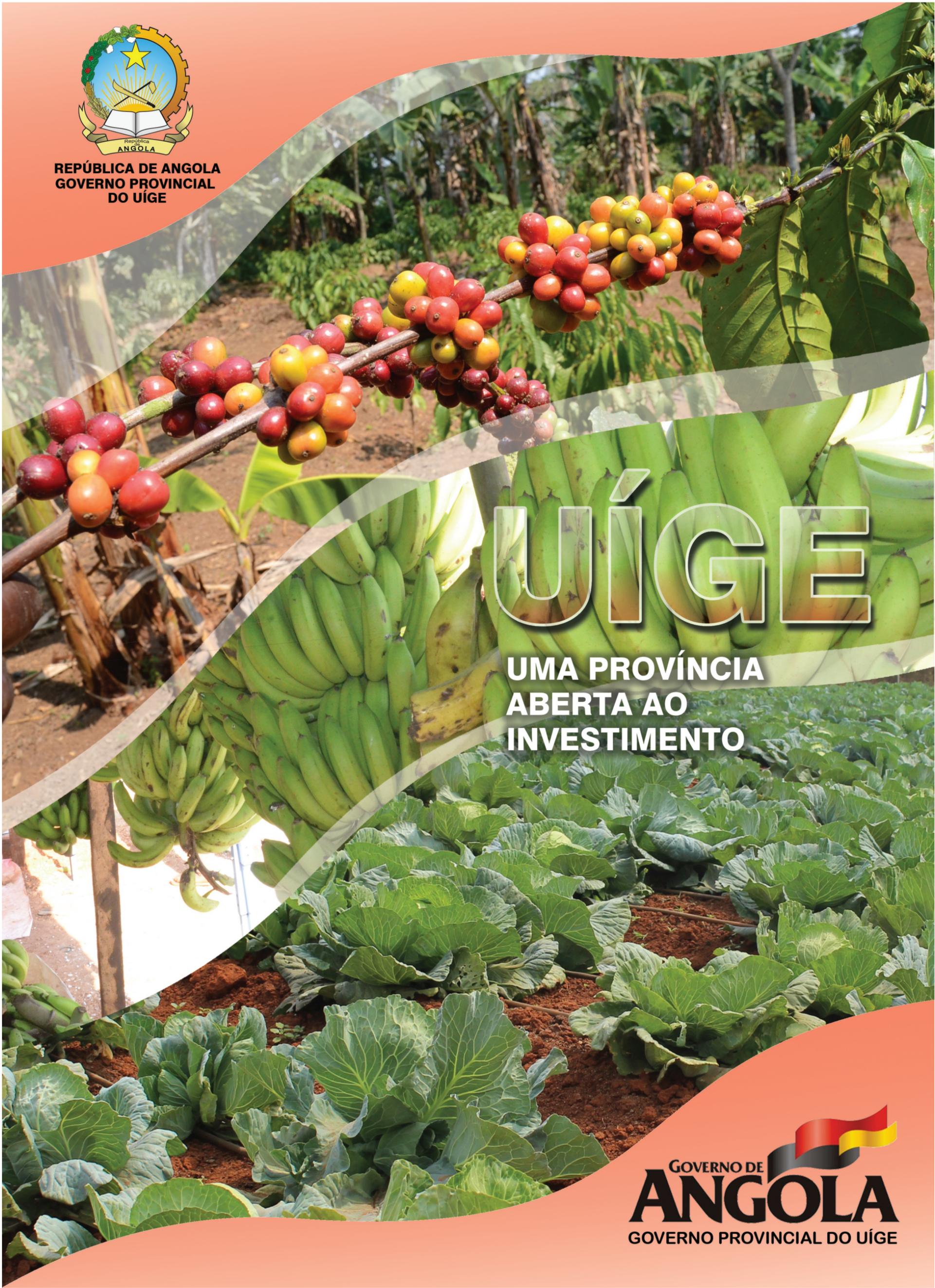
pecção de cobre e exploração de quartzo. A maior parte da extração de inertes na província é feita ainda de forma ilegal.

Bunga revelou que os garimpeiros escavam os leitos dos rios para retirarem areia e burgau. Abrem enormes buracos para a exploração de argila e de exploram formações rochosas para obterem inertes, como o rachão, brita, pó-de-pedra e outros derivados.

No ano passado, os 13 exploradores de inertes licenciados no Uíge produziram mais de 3.106 milhões de metros cúbicos de rachão, 1.175 metros cúbicos de areia, 2.122 metros cúbicos de brita e 14.710 metros cúbicos de pó-de-pedra. "A falta de financiamentos para as empresas do sector tem contribuído para o não crescimento do mesmo", alertou o Director Provincial da Geologia e Minas.



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL
DO UÍGE



UÍGE

UMA PROVÍNCIA
ABERTA AO
INVESTIMENTO



GOVERNO DE
ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DO UÍGE

Bago Vermelho



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Café do Uíge já exportado para o Kuwait, Qatar, Emiratos Árabes Unidos e Líbano



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Cafeicultores estão animados com os bons níveis de produção do bago vermelho

Todos os municípios da Província vão começar a produzir mudas de café



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Preço do café estimula produção

De 2015 até ao primeiro trimestre de 2017, o preço da comercialização do café mabuba aumentou cerca de 417 por cento.

António Capitão

A subida do preço do café anima os cafeicultores e responsáveis deste sector da Província do Uíge, onde o aumento da produção do bago vermelho é motivada pelo surgimento de uma classe empresarial forte e em crescimento, que além de comprar o produto concede financiamentos para os cafeicultores contratarem mão-de-obra e revitalizarem as suas fazendas com novas plantas.

De 2015 até ao primeiro trimestre de 2017, o preço da comercialização do café mabuba aumentou cerca de 417 por cento. O quilograma que custava 60 kwanzas hoje é vendido a 250. O valor de venda do café comercial subiu cerca de 344 por cento, com a cotação no mercado a variar de 160 kwanzas para 550.

“Há um aumento progressivo na produção estimulada pelo

aumento do preço de comercialização do café na província e os incentivos que os comerciantes deste mercado dão aos cafeicultores. Isso faz com que eles estejam cada vez mais motivados à produzir, melhorando as trocas comerciais”, disse Vasco Gonçalves, Chefe do Departamento Provincial do Instituto Nacional do Café (INCA).

No Uíge estão identificados 18 grandes comerciantes que se dedicam à compra directa do produto, com destaque para a Soicafé, Santos Capote, Mafcom, e a Zicai Grupo Lda, sendo que as duas últimas empresas concederam microcréditos a 547 produtores, cujo valor estima-se em cerca de 18 milhões de kwanzas.

Exportação

O café do Uíge é exportado para o Kuwait, Qatar, Emiratos Árabes Unidos e Líbano, situação que deixa cada vez mais animados os

cafeicultores. A propósito, o INCA está a implementar um projecto de produção de novos cafeeiros, para serem vendidos aos fazendeiros locais num preço subvencionado pelo Estado.

Com mais de 40 hectares, o viveiro criado na região do Alto Minho, a cerca de 10 quilómetros da cidade do Uíge, tem mais de 60 mil plantas para serem vendidas a partir do mês de Outubro deste ano. O INCA aposta numa produção anual de cerca de três milhões de mudas de cafeeiros para ajudar os cafeicultores a rejuvenescerem as suas fazendas, aumentando cada vez mais a produção do bago vermelho. “Vamos vender cada planta a 150 kwanzas com a finalidade de obtermos receitas para a aquisição de mais sacos de polietileno. Queremos produzir, no próximo ano, mais plantas para fornecer a um maior número de cafeicultores da província”, disse Vasco Gonçalves.

O Chefe de Departamento do INCA augura para o próximo ano a criação de viveiros para a produção de novas mudas de café nos 16 municípios da Província, com vista a maior abrangência da revitalização das fazendas, em curso. “Para termos uma produção em grande escala devemos produzir milhões de mudas nos 16 municípios da província”, disse, acrescentando que em 2016 o INCA distribuiu mais de 40 mil mudas de café e 13.700 plantas de palmeiras de dendém a outros fazendeiros, com vista a estimular a produção na região.

Este ano prevê distribuir mais de 60 mil novas plantas de café a outros produtores.

Rendimento das famílias

A produção e comercialização do café pode ser a maior fonte de arrecadação de receitas para os produtores e comerciantes. No ano passado foram comercializadas 2.725 toneladas de café comercial e 5.450 de café mabuba, cujo volume de negócios atingiu mais de mil milhões de kwanzas.

No Uíge estão cadastrados 9.500 cafeicultores, mas o número real de agricultores que se dedicam ao cultivo do café, sobretudo nos municípios do Uíge, Mucaba, Dange Quitexe, Songo, Negage, Buengas e Sanza Pombo, estima-se em mais de 30 mil. De acordo com Vasco Gonçalves, “se todos eles forem potenciados financeiramente serão capazes de contratar pelo menos 10 funcionários cada, e desta forma criarem mais de 300 mil empregos para garantir rendimentos às famílias da região”.

OINCA tem catalogados 24

sítios de descasque de café. Apenas seis funcionam, sendo três no município do Uíge, dois no Mucaba e um no Negage. As três unidades de torrefacção e moagem com capacidade para moer, mensalmente, cerca de 36 toneladas do produto, funcionam na cidade do Uíge para abastecer o mercado local e as províncias de Luanda e Malange.

O INCA conta ainda com uma Estação de Experimentação onde são realizadas investigações e experiências para a produção de plantas de cafeeiro, palmar e cacau.

“É nossa intenção que existam unidades de descasque em todos os municípios da província, para que os vendedores não tenham de levar café com palha aos centros comerciais ou para outras províncias para o descasque”, diz Vasco Gonçalves.



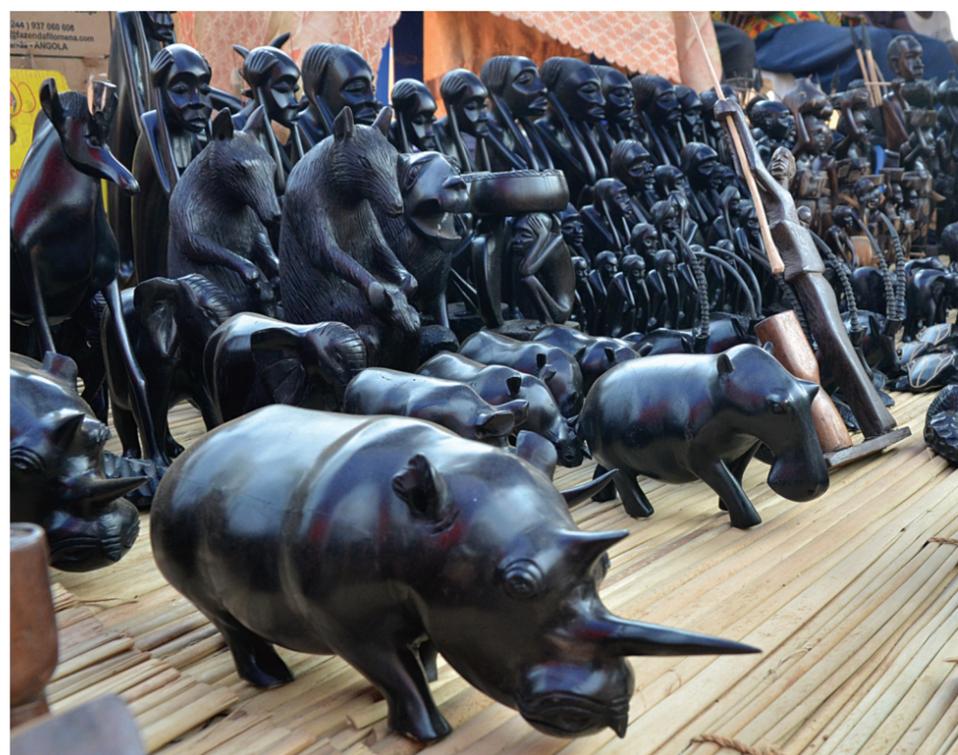
Postal

Os eixos do desenvolvimento de uma província em mudança

A dinamização da agricultura começa a dar resultados visíveis com o incremento da produção da banana, o retorno do cultivo do arroz e o início inédito da cultura da soja. O próximo passo é criar uma indústria robusta capaz de transformar o excedente que já se regista em alguns produtos como a mandioca e a banana. Uíge possui imensos locais de atracção turística, mas para a sua exploração é preciso haver uma série de condições como rede hoteleira, que regista um enorme crescimento com a construção de vários hotéis, estradas, energia eléctrica, abastecimento de água e quadros qualificados para atender os turistas que têm a província como um destino de eleição.



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Auto-suficiência na produção da banana

A banana, à par da mandioca, hoje já é produzida em grande escala e com muito excedente para a exportação



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Cachoeiras de Maquila

A beleza das cachoeiras de Maquila, causa, logo à partida, efeitos emocionais incontáveis. Suas águas calmas e cristalinas são um grande convite para o mergulho

MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Peças de arte

O artesanato esteve em grande plano na Expo-Uíge, realizada durante as comemorações dos seus 100 anos de existência

EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Produção avícola

No Uíge começam a surgir grandes projectos de produção de ovos, comercializados localmente e nas províncias do Cuanza Norte, Malange, Bengo e Luanda



Grutas do Nzenzo

Em 2014, as Grutas do Nzenzo, localizadas na aldeia Bombo, município de Ambuíla foram eleitas uma das Sete Maravilhas de Angola

MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Bago vermelho

A produção do café constitui o cartão de visita da província do Uíge, conhecida por muitos com terras do bago vermelho. Nos últimos anos, a província quer recuperar a hegemonia, animada pela alta do preço do preço no mercado internacional

Paulo Pombolo

“Vamos conseguir atingir os resultados preconizados”

À frente dos destinos da Província do Uíge desde 2009, Paulo Pombolo fala dos grandes progressos registados na Educação, Saúde, infra-estruturas rodoviárias, Ensino Superior e outros. Para os próximos cinco anos, o Governador da Província quer uma indústria transformadora robusta, que aproveite a produção agrícola já existente.



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Silvino Fortunato

O senhor Governador assumiu a direção desta Província há sete anos. Que balanço pode fazer da situação social e económica do Uíge?

Chegamos aqui no início de 2010. Na altura trazíamos três recomendações principais. A primeira era unir os quadros, que na altura, estavam desavindos. Havia problemas internos. A segunda era tornar visível a província. A última era olhar para o seu desenvolvimento. Quando aqui cheguei, mandei logo realizar um diagnóstico da situação dos vários sectores da vida da província, sobretudo da Educação e da Saúde. Em função dos resultados, montámos o programa para o período 2010/2012. Identificadas as áreas mais sensíveis, avançámos com o plano do sector da Educação, onde havia muitas crianças fora do sistema de Ensino. Um bom número de crianças estudava em salas de aula precárias, ao relento ou debaixo de árvores. Só na cidade capital tínhamos cerca de três mil crianças nessas condições. Muitos hospitais municipais não funcionavam. Havia seis hospitais com alguma dificuldade. Os da periferia, que deviam atender lá os doentes, não funcionavam. No interior, ou seja, nas sedes municipais e nas comunas, a situação era

pior. Havia problemas ligados à energia eléctrica na capital da Província e em todas as sedes municipais e comunais. Vivia-se das fontes alternativas. Os geradores também eram insuficientes para atender à procura. Travava-se uma grande luta para resolver o problema do fornecimento de água às populações. O casco urbano da cidade do Uíge não tinha água. Encontrámos inúmeras obras não concluídas, que tinham sido projectadas pelo Gabinete Técnico na altura, para atender a várias necessidades, até nas aldeias e regedorias. O mais velho Mawete João Baptista, meu antecessor, tinha iniciado um programa para a resolução desses problemas, mas por ter ficado apenas um ano na governação, tivemos que ser nós a concluir-lo.

Disse ter encontrado uma província com necessidades de unificar os quadros desavindos. Este problema está resolvido?

A metodologia utilizada para ultrapassar essa questão surtiu efeitos. A província está hoje mais do que nunca unida. Os quadros estão unidos e trabalham todos para um único objectivo que é desenvolver a província. Conseguimos ultrapassar também determinadas situações que existiam, fundamentalmente no seio dos funcionários

públicos, que se combatiam entre si sem necessidade. Hoje podemos dizer que a província está num bom caminho em termos de unidade no seio dos quadros. Todos nós trabalhamos para o Uíge como província. Podemos concluir que essa missão foi cumprida com sucesso.

A província tem potencial agro-pecuário. Que avaliação faz da actividade produtiva na província?

Apesar de estarmos ainda naquilo que se chama agricultura familiar ou agricultura de subsistência, podemos dizer que o fomento do sector agrícola foi satisfatório. Das 167 cooperativas e associações de camponeses que tínhamos em 2010, hoje triplicámos este número. Aumentámos igualmente a produção de várias espécies agrícolas. Hoje já começámos a especializar os nossos municípios em termos agrícolas e as quantidades não são poucas. Anualmente, chegamos a mais 300 mil toneladas de produtos diversos. A especialidade do município do Songo é a banana. Não estamos a falar de banana em duas toneladas. Estamos a falar de centenas de toneladas produzidas através dos mecanismos tradicionais. Não estamos a falar da agricultura mecanizada. Todos os municípios lutam no sentido de melhorar não só a sua capacidade em ter-

mos de produção, mas também na qualidade dos produtos. Podemos dizer que conseguimos níveis satisfatórios, se compararmos com o passado. Hoje já se produz quase tudo. Até a soja, que era um produto difícil de encontrar pelos criadores de animais. Normalmente, recorriam a outras províncias para obtê-la ou em última instância à importação. Hoje temos unidades agrícolas na província que estão a produzir soja em quantidades suficientes para o consumo interno. Já se produz o arroz, através da plataforma do Luselua, onde se atingiu um nível de colheita na ordem das quatro mil toneladas, que foram vendidas às Forças Armadas, à Polícia Nacional e à rede comercial da província.

Sabe-se que inúmeras fazendas estão a ser distribuídas a particulares. Apesar disso muitas delas continuam inactivas. Na vossa opinião, que mecanismos podem ser usados para a inversão do quadro e impulsionar a produção na província?

Nesta província ainda temos muitas fazendas distribuídas e não intervencionadas, isso não podemos esconder. É uma realidade que tem de ser ultrapassada, através de mecanismos que podem ser adoptados pelo Governo Provincial, com o apoio do Ministério da Agricultura. As fazendas que produzem

café no tempo colonial e que foram atribuídas a nacionais e às cooperativas criadas, muitas delas andam praticamente ao abandono.

Qual é a reclamação dos proprietários dessas fazendas?

É a falta de recursos financeiros, de créditos para avançarem a actividade agrícola. Mas, em paralelo, encontramos produtores com alguma capacidade financeira que querem intervir para aumentar a produção, mas não têm espaços. Alguns destes apresentam até projectos para instalarem pequenas indústrias de transformação de produtos agrícolas. Infelizmente, encontramos alguma dificuldade porque os fazendeiros improdutivos possuem documentos com alguma validade e um período de duração, que às vezes tem impedido a tomada de medidas coercivas. O Governo Provincial do Uíge, há pouco tempo, discutiu este assunto com os vários proprietários e chegámos a um entendimento. Estabelecemos um período de graça de dez anos para que eles se preparem e criem as condições para recuperarem as fazendas. Terminado esse período veremos que decisões poderão ser tomadas. Em nossa opinião, aqueles que não têm capacidade, quer material quer humana quer financeira, deveriam devolver as fazendas ao Estado,

que por sua vez as entregaria a outros empresários locais com capacidade empreendedora. Deste modo, estaríamos a proporcionar mais emprego para os jovens, capitalizar as fazendas, de modo a pagarem os seus impostos.

A produção do café foi a principal marca da província na era colonial. Deu grande impulso à economia da região e serviu para a edificação de vilas e cidades. Poderemos reeditar esse feito?

É um pouco difícil compararmos a produção da época colonial com a actual, pelos mecanismos e pelas formas diferenciadas em que as fazendas eram trabalhadas. O café tinha muito peso no mercado internacional. A guerra que devastou o país atingiu também as fazendas. Terminada a guerra, muitos dos produtores deste sector entenderam mudar para outras culturas. Em 2010 produzimos um programa de reactivação da produção do café. Criámos condições para a captação de incentivos. Fomos ao encontro dos compradores. Discutimos com o Ministério da Agricultura o preço do quilo de compra do café mabuba, que era de 50 kwanzas, que não correspondia aos esforços e os investimentos realizados na altura. Hoje podemos dizer que, passados cerca de seis anos, começámos a constatar no



PERFIL

PAULO POMBOLO

Filho de Pombolo Maluatunguila e Bondo Adelina, nasceu na aldeia Quissacala, Município da Damba, Província do Uíge, no dia 12 de Abril de 1962.

FORMAÇÃO ACADÉMICA

Licenciado em Ciências da Educação na especialidade de História

FUNÇÕES PARTIDÁRIAS

De 2000 a 2009 foi o 1º Secretário Nacional da JMPLA. Em 2009 foi eleito Deputado à Assembleia Nacional,

FUNÇÕES NO GOVERNO

Em 2009 nomeado Governador do Uíge e de 1º Secretário do Comité Provincial do MPLA

“O nosso maior desafio é trazer para o Uíge cursos ligados à engenharia”

Que avaliação faz ao sector do ensino superior

Na nossa governação, a Universidade Kimpa Vita é uma marca que fica na memória de todos os uigenses. Quando chegamos ao Uíge encontramos a Universidade Kimpa Vita em pleno funcionamento. Mas as condições existentes não eram as melhores. Tínhamos, na altura, apenas oito salas. Numa universidade que tinha cerca de dois mil estudantes. Era preciso mudar o quadro. Daí que com os recursos locais, com o orçamento da província assumimos o compromisso de construir os primeiros edifícios da universidade Kimpa Vita, a quatro quilómetros da cidade capital da província. Alguns chamaram-nos loucos por causa da distância entre a universidade e a cidade, assim como os custos de transportação. Com a perspectiva de expansão, transformar a zona numa cidade universitária. Não só para o kimpa Vita como poderiam surgir novos edifícios para o ISCED e outras unidades de ensino superior. Conseguimos erguer cerca de 30 salas de aulas, nove anfiteatros e laboratórios. O número de estudantes, que era de dois mil, no ano de 2011, subiu vertiginosamente, no período

de 2016/2017, para sete mil estudantes. Tínhamos a Escola Técnica Superior que formava contabilistas, quadros para a área de Gestão e Informática. Nós acrescentamos a Faculdade de Direito, a Faculdade de Economia, o curso superior de Agronomia, e curso de enfermagem. Todos os estudantes que terminavam o curso médio de Saúde muitos deles prosseguiram os seus estudos noutras províncias. Hoje isso terminou.

Que inovações têm programado para futuro da universidade?

O nosso maior desafio é trazer para o Uíge proximamente os cursos ligados à engenharia. A província conhece um défice muito grande de engenheiros civis e sobretudo de arquitectos e precisamos de os formar aqui no Kimpa Vita. Não na Universidade Agostinho Neto. Vamos arrancar em Agosto com o primeiro curso de engenharia hidráulica. Teremos de lutar para colocarmos aqui cursos de engenharia civil, que são os mais procurados, de electricidade e programarmos o curso de medicina, que a província do Uíge já ganhou em 2014.

Como caracteriza o estado

das vias rodoviárias da província.

Foram construídas com asfalto 337 quilómetros. Oitocentos e 37 quilómetros de estradas foram intervenções. Podemos ir a dez municípios partindo daqui da sede da província com estradas asfaltadas. Restam-nos seis, que estão a ser intervenções também. No quadro da crise financeira que o país conhece, as acções não estão a ser assim tão rápidas. Temos plena certeza que a ligação da sede capital da província para os municípios em falta vai acontecer nos próximos anos. Estamos neste momento, em construção as estradas de Ambuíla com 47 quilómetros, a partir do Kitepe, com previsão de entrega para o próximo ano, a cerca de 190 quilómetros daqui até ao Bembe. Vamos ver se conseguimos chegar ao fim do ano até ao Lucunga e em 2018 atingirmos o Bembe. De Cangola são 60 quilómetros de estrada a partir da Alfândega. Este trecho está igualmente em obras. Temos o problema dos Buengas. Começamos a executar obras na estrada de acesso a essa localidade. Houve interrupção por falta de pagamentos ao empreiteiro. Precisamos de programar a reabilitação dos

36 quilómetros entre Macocola e Milunga, para facilitar a circulação e a vida das populações. A Zona do Milunga é rica em recursos minerais e é lá onde está localizada a reserva de madeira preciosa, o pau preto. Pensamos que uma boa terraplanagem, que resista às chuvas que aqui caem durante quase nove meses. Resolveríamos o problema das estradas terciárias de acesso a algumas comunas.

Que resenha pode fazer sobre a distribuição de energia?

A província beneficia da electricidade a partir da barragem hidroeléctrica de Capanda, desde o dia 10 de Dezembro do ano de 2010. Infelizmente, só atende três sedes municipais, nomeadamente Maquela do Zombo, Negage e Uíge. Na via para Maquela do Zombo, as linhas de transportação de electricidade passam, por exemplo, por cima das sedes municipais da Damba e muito próximo do Bungo e Mucaba. Mas estas não têm energia eléctrica. O nosso desafio actual é a electrificação dos outros treze municípios, cujo programa já foi aprovado em decreto presidencial e apresentado às autoridades locais da província.

E quanto à água canalizada?

Temos pequenas unidades de abastecimento nos municípios, que ainda não cobre a maior parte das necessidades da população. Isto significa que temos que passar por sistemas maiores no sentido de resolvermos o problema da população, fundamentalmente nas sedes municipais. Há um programa nacional de construção de sistemas municipais. A nossa província foi abrangida para três municípios nesta primeira fase. Esperamos que outros municípios sejam também contemplados.

Que visão tem o Senhor Governador para o futuro do Uíge?

Foi já projectado o Uíge para os próximos cinco anos. Sendo assim estamos a falar do Uíge daqui até ao ano 2022. Queremos um Uíge com uma indústria transformadora robusta em funcionamento, que permita a transformação da nossa produção agrícola. Queremos um Uíge com uma agricultura mecanizada. Vamos continuar trabalhar para o bem-estar do povo. muita coisa foi feita e muita ainda por fazer, por isso acreditamos que com ajuda de todos os filhos da província os objectivos serão alcançados

terreno o regresso de muitos produtores e a quantidade do café comercial já atinge cerca de quatro mil toneladas colhidas em cada ano. O café mabuba atinge actualmente uma cifra de seis mil toneladas por ano. Temos hoje 14 compradores de grandes empresas que comercializam café. Há também compradores individuais, que recorrem às fazendas que existem aqui. Se perguntarmos onde há café para comprar, será difícil alguém indicar, porque há um grupo grande de compradores que hoje já não esperam que o vendedor lhes traga o produto. Eles é que vão à procura do café, até aos municípios mais longínquos. O que significa que começa a haver algum incentivo, alguma motivação por parte dos produtores. Eles hoje já vêm negociar directamente com o comprador. Já não é naquele preço fixo, que era de 50 por quilo, que não motivava ninguém. Quase que não havia retorno do investimento dos produtores. Estamos a produzir mudas em estufa que depois serão entregues aos produtores interessados, com o objectivo de continuarmos a aumentar a produção e a qualidade do próprio café.

Nas inúmeras e densas florestas existentes no Uíge abunda a madeira. Fale-nos

dos níveis da sua exploração e do seu enquadramento na produção das receitas locais?



“A Província está mais unida hoje. Os quadros trabalham para um único objectivo que é o desenvolvimento desta que é até hoje chamada como a terra do bago vermelho”

Em termos de arrecadação de receitas no quadro da produção de madeira podemos dizer que é zero. É zero porque são poucas as empresas que exploram madeira, que estão baseadas aqui. Foram constituídas a partir de fora e não pagam aqui os seus impostos, na Administração Geral Tributária (AGT). A maior parte das empresas que exploram madeira aqui são provenientes de outras províncias. É lá que elas pagam as suas contribuições fiscais anuais. O que significa que, em vez dos recursos florestais que são explorados

aqui na província alavancarem a economia da província através do pagamento dos impostos no Uíge, essas empresas contribuem para o crescimento económico de outras províncias onde foram constituídas. Nós somos praticamente a província que fornece 52 por cento da madeira no País. Isso está nos relatórios, nas informações que são apresentadas pelo Ministério da Agricultura. Actualmente, na província do Uíge, existem mais de 70 empresas a explorar madeira em quatro municípios, nomeadamente, no Kitepe, Ambuíla, Bembe, Songo e agora também em Milunga, onde temos a reserva da melhor madeira de Angola, que é o pau-preto. É em função desta situação que acabei de me referir que o Governo Provincial do Uíge entendeu preparar uma proposta, que submeteu ao Ministério da Agricultura e que faz com que hoje tivéssemos uma lei que limita a saída de madeira em toro duma província para outra. Qual é o objetivo que queríamos atingir? Você explora a madeira no Uíge, tudo bem, mas tem de criar condições para transformá-la aqui. O que significa que haverá emprego para os jovens e receitas fiscais para a província. Estamos felizes com essas medidas que permitem hoje encontrarmos e empresas a explorar

madeira localmente, fabricando portas, janelas, carterias e outros materiais com extraordinária qualidade. Isso significa que se aplicarmos correctamente a legislação em vigor e materializarmos outras orientações, poderemos chegar a outros níveis em termos de produção de madeira. O objectivo é que a madeira produzida na província contribua para o crescimento económico da província, através dos impostos e da criação de postos de trabalho para a nossa população.

Que plano tem o Governo Provincial em termos da contínua construção de novas infra-estruturas no actual contexto de crise?

A província depende muito em termos de recursos financeiros do Orçamento Geral do Estado (OGE). Mas todos estamos conscientes de que numa fase tão crítica como esta não há recursos financeiros suficientes para os programas de bens e serviços que precisamos de realizar para o investimento público. O importante é saber gerir o pouco que nos é atribuído. Por outro lado, precisamos potenciar os serviços da AGT nesta província, para uma maior recolha de receitas. Temos de aumentar a arrecadação de acordo com a produção realizada na província pelas empresas dos vários sec-

tores, como a construção civil, a saúde e a agricultura. Se as empresas cumprirem com as suas obrigações, pagarem os seus impostos, aumentamos também o nível das nossas receitas, contribuindo para o crescimento do OGE. Precisamos de convidar investidores com capacidade financeira para a instalação de unidades industriais no Uíge.

O índice de arrecadação de receitas já é aceitável?

Ainda é muito baixo. Tem sido a nossa batalha com a Delegação das Finanças o aumento dos níveis de arrecadação de receitas. Nos últimos seis anos, podemos dizer que as receitas têm vindo a aumentar significativamente. Ainda assim, precisamos de redobrar esforços no sentido de ir buscar até ao último tostão do agente comercial ou produtor que está na última área recôndita da nossa província para aumentarmos os níveis de arrecadação de receitas para o Estado.

Isso não está a impedir que o Governo Provincial construa novas infra-estruturas?

Não. Mesmo com a insuficiência de recursos, o Governo continua empenhado na edificação de novas infra-estruturas. Fundamentalmente do sector social, virando-se para o aumento do número de

salas de aulas e infra-estruturas de saúde, designadamente, a construção de pequenos centros de saúde na periferia e nas regedorias que ficam muito distantes das sedes municipais ou comunais.

O Turismo é um sector chave das economias. Aqui no Uíge já se fala a esse nível?

O turismo nesta província é incipiente. Por isso, elaborámos o Plano Director do Uíge, que começou a ser preparado em 2012 e foi concluído em 2014. Sentimos alguma dificuldade na sua materialização, devido a razões financeiras. Mesmo assim, a visão da Direcção de Hotelaria e Turismo é sermos nós, o Governo Provincial, a incentivar as pessoas a virem ao Uíge investir, em parceria com as associações hoteleiras e turísticas existentes. É na base desta parceria que começamos a convidar pessoas para cá virem. As pessoas ficam aqui dois três, quatro dias e visitam várias áreas que temos com alguma importância turística. Precisamos de aumentar o número de hotéis e de camas para respondermos à procura. Devemos também melhorar as vias de comunicação. A maior parte dos locais turísticos encontram-se em áreas onde a circulação de pessoas é dificultada por falta de boas estradas.

Locais Turísticos

Da Lagoa do Feitiço às grutas do Nzenzo

A Lagoa do Feitiço localiza-se em Dambi à Ngola, Comuna da Aldeia Viçosa, Município de Dange Quitexe. No local, o silêncio é absoluto e a paisagem muito bela de se ver. Contam os mais velhos que tudo aconteceu quando, numa manhã, na extinta aldeia do Ngungo Indua, onde viviam mais ou menos 1.500 pessoas, apareceu um homem defeituoso em cujo corpo escorria água e pus. Cheirava mal e estava com sede, mas ninguém lhe queria dar água.

José Bule

Instalada no alto da Ngungo Indua, era o nome do bairro que submergiu em consequência de uma chuva miúda que caiu sobre a localidade. Hoje, apenas se vê um grande lençol de águas paradas. Não há vestígios de ter havido casas naquele local. Os mais velhos dizem que o fenómeno ocorreu há muitos séculos, antes mesmo da chegada dos portugueses ao Reino do Congo.

A Lagoa do Feitiço localiza-se em Dambi à Ngola, Comuna da Aldeia Viçosa, Município de Dange Quitexe. No local, o silêncio é absoluto e a paisagem muito bela de se ver. Contam os mais velhos que, tudo aconteceu quando, numa manhã, na extinta aldeia do Ngungo Indua, onde viviam mais ou menos 1.500 pessoas, apareceu um homem defeituoso em cujo corpo escorria água e pus. Cheirava mal e estava com sede, mas ninguém lhe queria dar água.

Duas crianças, um rapaz e uma menina, que estavam sozinhas em casa, correram para o ajudar e deram de beber ao misterioso homem, que agradeceu e à saída deixou uma recomendação. Pediu aos petizes para avisarem os pais, mal eles chegassem a casa, para recolherem todas as suas coisas e irem para a montanha do Quituto, que fica a cerca de cinco quilómetros da lagoa, porque mais tarde haveria

uma nuvem negra que cobriria a aldeia e deixaria cair sobre ela água suficiente para a fazer desaparecer. Pediu que não dissessem a mais ninguém além dos pais.

Era uma chuva miúda que caiu apenas nesta área ocupada pelo bairro. As casas inundaram-se e as pessoas morreram afogadas. Foi incrível o que aconteceu, porque até as pessoas da aldeia que estavam fora dela regressavam ao local como se tivessem sido chamadas de emergência, e também morreram afogados. Kipita Kya Nzambi, pai dos meninos, não conseguia acreditar no fenómeno.

O nome da aldeia também tem a sua história. Conta-se que José Dinis, um fazendeiro português, levou a família e os capacitados à lagoa para fazer um piquenique no local. Comiam e bebiam alegremente até que apareceu um velho de uma aldeia vizinha que os alertou sobre o perigo que corriam.

O fazendeiro português não acreditou em nada do que lhe foi dito. No gozo, lançou 50 centavos à lagoa e disse em voz alta que queria ver algum milagre. Não passou muito tempo e apareceu, de repente, uma menina morta, dentro de um caixão que flutuava sobre a água. O fazendeiro ficou assustado e recolheu os filhos e a mulher, e foram para casa.

À noite, a desgraça tomou conta da sua residência. A filha morreu sem mais nem menos. O fazen-

deiro passou a tratar o lugar como “Lagoa do Feitiço”. Foi a partir daí que nasceu o actual nome da lagoa. Antes chamava-se Ujia Ya Mbuila, por ter “engolido muita gente”, pois, nela aconteciam coisas incríveis, assustadoras e difíceis de acreditar. Por isso os mais velhos da aldeia reuniram-se para resolver o assunto.

Desde então, passou a ser obrigatório realizar os rituais que até hoje são observados para se ter acesso ao local. Os velhos levaram comida e bebida para pedir perdão às sereias por todo o mal que os nossos antepassados fizeram, para que nada mais aconteça. Hoje, já se pode beber a água da lagoa e tomar banho nela.

Mas as autoridades tradicionais locais alertam que, só os nativos do Dambi à Ngola estão autorizados a tocar nela mesmo sem autorização. Portanto, se um estranho tocar na água sem autorização pode desaparecer misteriosamente.

Mufututu e a rainha dos bagres

A lagoa de Mufututu tem uma história de arrepiar. Os habitantes da aldeia de Quimacuna, a quatro quilómetros da vila municipal do Songo, realizam uma cerimónia tradicional, para mostrar as maravilhas da região.

Dizem os mais antigos moradores da aldeia, que os bagres fumados ou mesmo cozinhados mergulham nas profundezas da lagoa e escondem-se numa gruta impenetrável. Há relatos impres-

sionantes de acontecimentos próprios do outro mundo. Uma coisa é certa: as pessoas estão proibidas de mergulhar e pescar na lagoa Mufututu.

A água da lagoa Mufututu é cristalina e pura. Mas quando se junta às águas do rio Dunda fica esbranquiçada e forma um separador bem visível. Foi descoberta, por acaso, em 1922 ou 1923, pelo velho Nkelani, numa altura em que as águas límpidas mostravam grandes quantidades de bagres, e este resolveu colocar na água uma muzua para pescar. Deixou a armadilha e foi-se embora para casa.

A beleza da cachoeira de Maqueni, na aldeia Maquila, causa, logo à primeira vista, efeitos emocionais incontrolláveis. Suas águas calmas e cristalinas são um grande convite para o banho. Engana-se quem pense que Sanza Pombo é apenas agricultura e pecuária

No dia seguinte, regressou ao local e ficou espantado com o que viu. A muzua estava na margem, sem qualquer peixe. O

velho Nkelani pensou que alguém tinha tirado a armadilha do local. Voltou a colocar a muzua na lagoa e regressou a casa. Quando regressou à lagoa de Mufututu, no dia seguinte, encontrou a muzua abarrotada de peixe. Mas ficou aterrorizado, porque eram bagres fumados e cozidos. Só havia uma pequena quantidade de peixe fresco.

Nkelani voltou para casa apreensivo. Pelo caminho encontrou três porcos, matou um e os outros dois fugiram. Mas o velho não levou o porco morto, continuou a caminhar, sem perceber que os dois porcos fugitivos o perseguiram até à entrada da aldeia de Quimacuna, onde vivia. Dias depois, Nkelani apanhou uma doença e morreu. Mas antes de morrer, ele teve sonhos prodigiosos.

Os bagres pediram-lhe para dizer ao povo de Quimacuna para que ninguém tomasse banho ou pescasse na lagoa do Mufututu. Até hoje, dizem os mais velhos da localidade, sempre que acontecer alguma coisa boa, as autoridades locais sonham com os bagres, que transmitem mensagens para o povo tomar precaução.

Peixes que vão de férias

Os peixes da lagoa do Mufututu entram de férias nos meses de Março e Abril e só voltam em Junho. Ali há centenas de bagres colossos que, naquela altura do ano vão visitar a mãe na lagoa



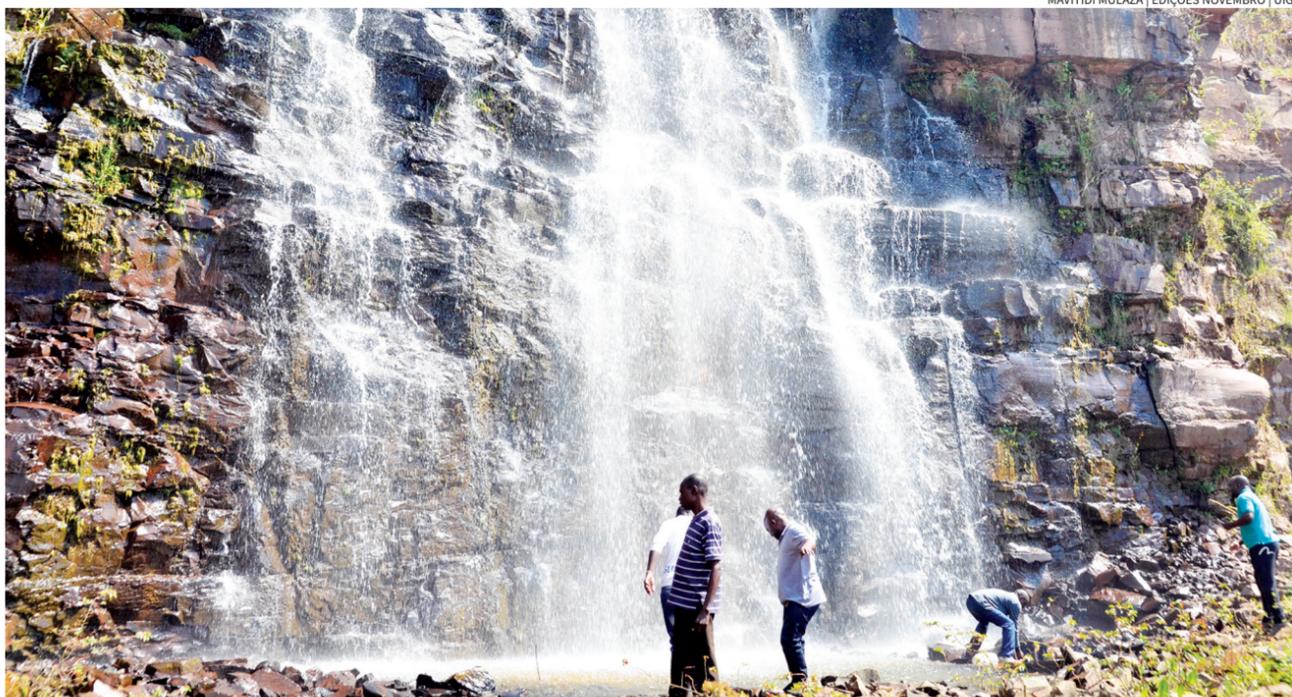


MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVENBRO | UÍGE

Para visitar as Grutas do Nzenzo é preciso cumprir rituais para proteger os turistas do mal



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVENBRO | UÍGE



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVENBRO | UÍGE

A Cachoeira de Maquila tem cerca de 50 metros de altura e está dentro de uma área de exploração de inertes

Dimina, na comuna do Kinvuenga, onde passam as suas férias.

Antigamente a mãe dos bagres vivia no Mufututu, mas por causa das obras nas estradas foi alterado o curso de alguns riachos e lagoas.

Por isso a rainha dos bagres fantasmas foi parar à Dimina. As autoridades locais aperceberam-se que ela mudou de lagoa através de um sonho que enviou ao velho Miguel Nsanga, que foi soba da aldeia.

No sonho, a mãe dos bagres pediu para cuidarem bem dos seus filhos. Antigamente existia uma grande cidade dentro da lagoa. Quem duvidasse da sua existência, era obrigado a mergulhar para ver com os seus olhos, mas isso só era possível fazer depois da realização de um ritual tradicional.

Contam os mais velhos da aldeia que, depois da mãe dos bagres mudar de residência, a cidade desapareceu e agora só se vê uma luz verde lá no fundo.

Cachoeiras de maqueni

A beleza da cachoeira de Maqueni, na aldeia Maquila, causa, logo à primeira vista, efeitos emocionais incontroláveis. Suas águas calmas e cristalinas são um grande convite para o banho. Engana-se quem pense que Sanza Pombo é apenas agricultura e pecuária.

Maquila mostra que o município que dista cerca de 152 quilómetros da cidade do Uíge também conta com rios de águas cristalinas e cachoeiras. Apesar dos pouquís-

simos quilómetros de distância, apenas 4, que separam o local com a vila, e dos seus encantos partilhados com a poderosa pedreira de Maquila, de onde era extraída a brita utilizada na construção da estrada Puri/Sanza Pombo/Quimbele, o local ainda é muito pouco conhecido.

O local não deve ser visitado sem a permissão dos sobas, que cumprem rigorosamente um ritual para a protecção dos visitantes. Logo à entrada da gruta fomos todos ungidos na testa com uma mistura de argila e lunguila e percorremos cerca de 400 metros a pé até ao local

Na cachoeira de Maqueni não é apenas a água que cai do monte de pedras que encanta os turistas. A bacia que começa a formar-se entre as magníficas pedras rochosas, negras e castanhas, transformam o local num bom lugar para a realização de piqueniques e outros eventos festivos.

Com cerca de 50 metros de altura, a cachoeira está dentro de

uma área de exploração de inertes. Há lá um guarda que regista a entrada e saída de visitantes. O homem não cobra nada. Mas alguns visitantes deixam ficar algumas notas em kwanzas.

A água que forma a bacia corre pela vegetação curta e aberta, passando entre os cascalhos que servem também de acento para os visitantes descansarem. Quedas de Maqueni é um bom cartão postal para quem visita Sanza Pombo. O acesso é fácil.

O panorama que envolve a cachoeira ajuda a concluir que o local pode acolher milhares de visitantes de uma só vez. Ela fica ainda mais bonita quando os raios do sol atingem a água que cai em cascata. O Regedor José Maquila lembra que, no passado, alguns habitantes do município frequentavam regularmente o local.

O acesso à cachoeira de Maqueni é livre. Mas o regedor aconselha aos visitantes a fazerem primeiro uma paragem na aldeia e receberem a devida autorização. “Nós não impomos regras nenhuma. Não fazemos como os outros que submetem visitantes a determinados rituais antes de tocarem na água”.

“Para nós o mais importante é o respeito. Acho que também não fica bem a um grupo de pessoas entrar no nosso território e desfrutar das nossas belezas naturais antes de saudar as autoridades locais ou comunicarem sobre as suas reais intenções”, referiu o Regedor.

À descoberta do Nzenzo

Manhã de domingo, às 6h30, fazia muito frio. Partimos à descoberta das “Grutas do Nzenzo”, na aldeia Bombo, Município de Ambuíla. Havia nevoeiro e a viagem estava a ser realizada a uma velocidade de 40 quilómetros por hora, pelo menos no troço rodoviário que liga Quitexe a Ambuíla. Durante a viagem, o som produzido pelo movimento das águas debaixo da ponte de betão construída sobre o rio Loge chamou-nos a atenção. Uma pequena e linda catarata deixava a água cristalina fluir entre as azinhagas rochosas, passando debaixo da ponte, entre os brutos pilares que a seguram, estagnando numa pequena ilha rodeada de pedras rochosas e de uma grande quantidade de plantas e árvores, uma paisagem fantástica e de grande beleza.

Chegámos à vila de Ambuíla e fizemos mais uma paragem. Cumprimos as autoridades locais e deram-nos um guia. A vista da aldeia era verdadeiramente fantástica, todos envolvidos em pequenas tarefas. Se os homens estavam empenhados no fabrico de adobes para a construção de pequenas cubatas, as mulheres agarravam a cozinha, preparavam kizaca com feijão e carne de javali. Naquela hora, uma mulher “biculava” com mestria o funji de bombó numa enorme panela bibiana. Da vila de Ambuíla até à aldeia Bombo

são 17 quilómetros. Chegámos à hora certa. O estômago já se embrulhava todinho. Sentíamos muita fome, mas a fantástica imagem arquitectónica natural das famosas Pedras do Bombo, que parecem edifícios construídos à volta da aldeia, deixou-nos ainda mais curiosos em relação à descoberta da gruta. A fome passou de repente. Corremos ao encontro da gruta.

O local não deve ser visitado sem a permissão dos sobas, que cumprem rigorosamente um ritual para a protecção dos visitantes. Logo à entrada da gruta fomos todos ungidos na testa com uma mistura de argila e lunguila (bebida extraída da cana) e percorremos cerca de 400 metros a pé até ao local. Antes de entrarmos na caverna, ficámos de joelhos, o soba, regedor e o seculo pediam aos espíritos para nos protegerem do mal.

Na caverna cai água natural a partir de um pequeno orifício localizado na sua parte superior interna. O produto é translúcido, confunde-se com a água mineral. Ninguém sabe dizer de onde vem aquela água, porque nenhum rio passa próximo da gruta.

Ao longo da gruta, encontramos muitas armadilhas montadas pelos caçadores. No período nocturno, animais como javalis, pacaças, burros do mato, veados, gazelas e cabras da mata juntam-se para descansar.

Crescimento

FOTOS: FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Visitantes têm toda uma série de serviços e acomodação



Nos municípios foram construídos complexos residenciais

Rede hoteleira abre portas ao turismo

De 2013 a Junho do ano em curso, no domínio do turismo, foram identificados 95 locais turísticos, 26 dos quais são explorados com alguma regularidade.

Valter Gomes

O número de unidades hoteleiras em funcionamento no Uíge cresceu de 11 em 2013 para 24 em 2017. Com este número, a Província passou a contar com 742 quartos, 1.035 camas, 2.062 mesas, 7.156 cadeiras e mais de 860 trabalhadores. No mesmo período, foram construídos 28 restaurantes, 37 hospedarias, 352 outras unidades similares e 35 pensões.

De 2013 a Junho do ano em curso, no domínio do turismo, foram identificados 95 locais turísticos, 26 dos quais são explorados com alguma regularidade. A Província do Uíge recebeu 17.757 turistas nacionais e 5.012 estrangeiros. “Vamos continuar a trabalhar dentro dos planos do governo da província que visam o desenvolvimento de políticas para a melhoria do sector turístico”,

afirma o Director Provincial do Comércio, Hotelaria e Turismo, Bosseke Mbose Mansony.

Nos últimos cinco anos, o comércio registou uma circulação mercantil intensa, com a produção nacional a atingir a cifra de 197.510,6 toneladas de produtos comercializados, 83.066 de agro-pecuários e 33.692 de importados. Entre os produtos de produção nacional, destaque para a cerveja, com 19.935 toneladas, a crueira com 7.987, feijão com 4.200 e o peixe com 12.725. Em relação aos produtos importados, a farinha de trigo, com 11.421 toneladas foi o mais comercializado.

A Direcção Provincial do Comércio, Hotelaria e Turismo está engajada no licenciamento de alvarás comerciais para garantir a legalidade no exercício comercial. Foi assim que, de 2013 a 2017, foram licenciados 230 alvarás grossistas, 10.906 de propriedades de superfícies

e 360 de prestação de serviços mercantis. Nesse período, foram abertos 897 novos estabelecimentos comerciais, com 24.330 postos de trabalho criados. Os diversos serviços prestados na cedência de alvarás comerciais resultaram na arrecadação para os cofres do Estado de 12,1

Comércio é dos sectores mais importantes para a criação de uma estrutura económica moderna, devido à sua influência na população

milhões de kwanzas. Cerca de 284 mil kwanzas foram recolhidos na área de hotelaria, 154,4 milhões da venda de diversos

produtos e 32,5 mil kwanzas foram arrecadados da comercialização do café.

Inspecção pedagógica

Durante o período, foram realizadas acções de fiscalização, cuja intenção esteve sempre direccionada para as inspecções pedagógico-educativas dos estabelecimentos comerciais e hotéis.

A falta de estruturas de cálculo de preços, facturas de aquisição das mercadorias, falta de higiene e sanidade nos estabelecimentos comerciais, má arrumação dos produtos, além da ausência de etiquetas de preços e falta de pagamentos de impostos de selo e de consumo, bem como o exercício de comércio e hotelaria irregular, constituem as principais infracções registadas, que permitiram a arrecadação de mais de três milhões de kwanzas para os cofres do Estado. O Instituto Nacional de

Defesa do Consumidor (INAD-DEC) registou 280 reclamações dos consumidores, 14 notificações, 80 denúncias e 727 infracções que resultaram na arrecadação de 1,9 milhões de kwanzas de multas aplicadas.

Para assegurar o normal funcionamento das áreas que compõem a Direcção Provincial do Comércio, Hotelaria e Turismo, são necessários 88 novos trabalhadores, entre técnicos superiores, inspectores, administrativos, técnicos médios, auxiliares e operários.

O sector funciona com 33 funcionários. “O sector é dos mais importantes para a criação de uma estrutura económica moderna, devido à influência no seio da população, sobretudo no que diz respeito ao exercício das actividades comerciais, prestação de serviços mercantis, hotelaria e turismo e na criação de empresas e emprego”, concluiu Bosseke Mansony.

Cidades e Vilas

FOTOS: FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Uíge conta hoje com uma potência instalada de 89 megawatts

Mais de 61 por cento da população da província tem acesso à água potável



Mais energia e água potável para a população

A Direcção Provincial da Energia e Águas trabalha na expansão da rede em nove bairros do Município do Uíge

José Bule

O Uíge tem mais de 800 mil consumidores de energia eléctrica. Na sede provincial e nos municípios do Negage e Maquela do Zombo a produção é assegurada pela Barragem Hidroeléctrica de Capanda, na Província de Malanje. Depois do alcance da paz, esta Província ficou ligada a Malanje e Cuanza-Norte, com base na

construção de duas linhas de alta tensão de 220 KV que partem de Lucala, Província do Cuanza-Norte, até à subestação do Uíge-1, onde a tensão de 220 KV é transformada em 60 KV, na base de um transformador de 40 MVAS, que faz a distribuição para as subestações do Uíge-2 e do Negage.

A segunda linha de 220 KV parte da subestação do Uíge-1 para o município de Maquela do

Zombo na base de dois transformadores, um de 10 e outro de 30 MVA, que transformam a tensão de 220 KV em 30/15 KV e 60/30 KV, respectivamente.

Em 2012, a potência instalada era de 40 MW. Hoje são 89 MW. No passado, a distribuição era de 25 milhões de quilowatts por hora. Agora, são 39 milhões e 309 mil quilowatts.

Os técnicos da Empresa Nacional de Distribuição de Electricidade (ENDE) desdobram-se em trabalhos de montagem de Postes de Transformação de 250 a 650 KVA nos bairros Mongoalhema, Projecto da Juventude e no Bairro Novo, no município sede.

A Direcção Provincial da Energia trabalha na expansão da rede em nove bairros do Município do Uíge. A instituição pretende reforçar os mecanismos de protecção das infra-estruturas eléctricas contra as descargas e actos de vandalismo, recuperar a central térmica capaz de produzir 3000 KVA e requalificar a rede de baixa tensão.

Nos municípios do Negage e Maquela do Zombo estão a ser desenvolvidas acções de requalificação da rede de baixa tensão, aumento de postes de iluminação pública, criação da rede de baixa e média tensão, bem como a expansão do fornecimento de energia para os bairros, comunas

Situação nos municípios

As populações de nove sedes municipais beneficiam de água potável, nomeadamente o Negage, Uíge, Quimbele, Puri, Songo, Dange-Quitexe, Bembe e Buengas. Desde 2012 que o acesso à água é feito através de pequenos sistemas, pontos de água, cacimbas e rios. Para além das sedes municipais, foram igualmente construídos pequenos sistemas de abastecimento de água em 12 sedes comunais: Quipedro, Cambamba, Nsosso, Mpete Nkusso, Dimuca, Alfândega, Lucunga, Kinvuenga, Alto Zaza, Lêmbua e Aldeia Viçosa. A província do Uíge tem 16 municípios e 31 comunas. Das 2.156 aldeias, pelo menos 144 beneficiam de água potável. “Mas decorrem acções de planificação e construção de sistemas para o fornecimento do líquido precioso

ali onde ainda não há”, garantiu Mendes Domingos. O Director Provincial da Energia e Águas reclama da falta de meios de transportes para facilitar o acompanhamento das obras, exiguidade dos recursos financeiros e da insuficiência de técnicos especializados. “Temos dificuldades para recuperar todos os pontos e sistemas de água, que se encontram paralisados. Queremos manter os níveis de cobertura já atingidos, acompanhar de perto a construção de novas infra-estruturas de água e materializar todas as orientações administrativas e metodológicas baixadas superiormente”, disse Mendes. Nos municípios, os técnicos que atendem as brigadas de energia e água servem de elo de ligação entre os municípios e a Direcção Provincial.

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



e aldeias. Para os restantes municípios prevê-se a construção de subestações, redes de alta, média e baixa tensão nas sedes municipais, comunas e aldeias. Prevê-se também a construção de mini-hídricas com vista ao aumento do número de consumidores.

Água para todos

Pelo menos 61 por cento da população da província beneficia de água potável. Uíge tem uma população estimada em 1.570.641 habitantes, 613.033 dos quais vivem em zonas urbanas e 957.608 nas comunidades rurais.

Para o fornecimento da água, a cidade do Uíge conta com dois sistemas de captação. No mais antigo a captação é feita a partir de uma pequena barragem construída na derivação do rio Loé, com capacidade para bombear cerca de 248 metros cúbicos por hora, enquanto o mais novo, instalado no mesmo rio, produz cerca de 350 metros cúbicos.

Na cidade do Uíge o sistema de fornecimento do precioso líquido conta com duas Estações de Tratamento de Água (ETA) que produzem, no total, 550 metros cúbicos de água por hora. A estação mais antiga tem capacidade para 200 metros cúbicos de água por hora, e a nova, 350 metros cúbicos por hora, cuja capacidade

de armazenamento é de 2.000 e 1.900 metros cúbicos por hora, respectivamente.

Mendes Domingos, Director Provincial da Energia e Águas, afirmou que antes de ser consumida, a água passa por um processo de tratamento. A rede de distribuição possui conexões domiciliárias no centro, redes novas não operativas nas áreas com ordenamento de rios, torneiras, furos e chafarizes nos bairros da periferia.

Na Província, desde 2012, estão em construção 150.280 quilómetros de rede de abastecimento de água potável na sede da cidade do Uíge, instalação de 11.281 ligações domiciliárias e torneiras de jardim, construção de 17 sistemas de água, 204 pequenos sistemas de água potável e 816 pontos de água. “Temos, neste momento, oito sistemas de grande capacidade de produção, 117 pequenos sistemas e 456 pontos de água em funcionamento na província”, disse Mendes Domingos.

Segundo o Director Provincial, o funcionamento dos dois laboratórios para a testagem da água antes de ser canalizada aos consumidores, é assegurado por dois técnicos formados pela Direcção Nacional das Águas e um engenheiro químico recrutado pela Empresa de Águas e Saneamento do Uíge (EASU).

Transportes



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Táxi personalizado estão a crescer na Província do Uíge

Telecomunicações

A Directora Provincial dos Transportes, Telecomunicações e Tecnologias de Informação, Domingas Tuyango, revelou que foi instalado o sistema Infrasat, de telefonia rural, nos municípios e comunas. As operadoras de telefonia móvel, disse, cobrem todas as sedes municipais. Em algumas comunas existem duas estações postais, equipadas e modernizadas, que prestam serviços de correspondência.

“Temos de reconhecer que ainda não é suficiente para satisfazer a crescente demanda dos serviços de telecomunicações básicos em toda a dimensão da província e responder à necessidade dos empreendedores locais. O cabo de fibra óptica que liga Uíge/Cuanza-Norte, Uíge/Caxito/Luanda e Uíge/Negage/Maquela do Zombo deu um grande impulso às telecomunicações”, frisou Domingas.

Para permitir o acesso às tecnologias de informação, Domingas Tuyango disse que foram implantados os programas Ngola Digital e Andando com as Tic's em todos os municípios. O programa, acrescentou, visa dar formação em informática a jovens para aprenderem a manusear as ferramentas básicas e poderem aceder às novas tecnologias.

Actualmente, está em curso a construção de uma mediateca no ISCED, depois de ter sido instalada uma sala de informática na escola 11 de Novembro, na cidade do Uíge. Mas existe outra do tipo móvel que apoia os alunos dos municípios do Quimbele, Songo, Quitexe, Bungo e Puri.

Domingas Tuyango referiu que os resultados alcançados no sector podem ser ultrapassados se surgirem outros investidores no ramo, dado o potencial económico da região. “Exortamos os investidores do ramo a apostarem na nossa província para o seu desenvolvimento”, disse a Directora Provincial.



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Mais de 17 mil pessoas transportadas por via terrestre e 4.657 por via aérea

Investimentos melhoraram a circulação

Foram feitos investimentos que permitiram melhorar a circulação de pessoas e mercadorias

Nicodemus Paulo

Mais de 17 mil pessoas foram transportadas por via terrestre e outras 4.657 por via aérea como resultado dos investimentos realizados nos últimos cinco anos no sector dos Transportes na Província do Uíge.

Durante esse período, foram igualmente transportados mais de três milhões de toneladas de mercadorias, criados mais de mil postos de trabalho, 25 escolas

de condução e formados mais de dois mil motoristas de ligeiros e pesados.

A Directora Provincial dos Transportes, Telecomunicações e Tecnologias de Informação, Domingas Tuyango, disse que foram feitos investimentos que permitiram melhorar a circulação de pessoas e mercadorias, acelerar o desenvolvimento económico das comunidades rurais, principalmente as mais afastadas dos centros urbanos. Nesse período, foram também

entregues aos empresários viaturas para repor as que foram destruídas durante a guerra. “Paralelamente, foram reabilitados muitos quilómetros de estrada, o que viabiliza os nossos projectos”, disse Domingas Tuyango.

A modernização e ampliação do aeroporto do Uíge ilustra a importância e relevância que o sector dos transportes tem no desenvolvimento económico da região. Actualmente, as ligações aéreas com as cidades de Luanda, Mbanza Congo e Cabinda estão a ser feitas através de voos domésticos de operadoras privadas.

Circulação rodoviária

A reparação das vias interprovinciais melhorou significativamente a circulação automóvel. António Manuel, 50 anos, viaja com regularidade para Luanda e reconhece as melhorias. O taxista lembra que antes da reabilitação da estrada Uíge/Luanda, passando pela província do Bengo, a viagem durava cerca de vinte horas. Hoje percorre a mesma distância de 350 quilómetros em apenas 5 horas. “Hoje, viajar para

Luanda e vice-versa já não é um longo martírio como no passado”, disse a Directora.

Bento Manuel é taxista há dez anos. Ele disse que o troço entre Uíge e Negage, de apenas 37 quilómetros, era um verdadeiro calvário. As curvas e contra-curvas associadas aos buracos tornavam o troço difícil de conduzir. O taxista diz que a reabilitação das estradas representa o maior sinal de desen-

A reabilitação das estradas que ligam Uíge a Luanda foi um grande investimento que permitiu revitalizar agricultura, facilitou as trocas comerciais e o surgimento de pequenos negócios paralelos

volvimento da região.

O gerente de uma empresa privada de transportes, Afonso Trezegué, afirmou que a população do Uíge viaja com frequência, o que satisfaz os

operadores do ramo. Ele garante que, apesar do elevado número de empresas que operam no Uíge, ninguém tem razões de queixa, principalmente em períodos de festas.

Da sua agência chegam a sair entre cinco a seis autocarros por dia, transportando entre duzentos a trezentos passageiros. “Durante as festas da cidade do Uíge, que decorreram durante o mês de julho, levámos para Luanda e vice-versa entre 200 a 300 pessoas. Os nossos motoristas só lamentam a falta de estações de serviço na via, assim como telecomunicações, pouca sinalização nos locais de grande perigo como curvas apertadas e descidas com mais de 10 por cento”, realçou o gerente.

Manuel Joaquim, que comercializa produtos do campo, referiu que a reabilitação das estradas que ligam Uíge a Luanda foi um grande investimento que permitiu revitalizar a agricultura, facilitou as trocas comerciais e os pequenos negócios. “Os camponeses aumentaram a produção agrícola e vendem o excedente às grandes superfícies comerciais do Uíge e Luanda”, disse Manuel Joaquim.

Formação Profissional

EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Mais de dez mil técnicos formados nos centros de formação profissional da Província do Uíge

O Curso de Corte e Costura é um dos mais concorridos

Cursos médios e profissionais

Durante três anos de formação, os jovens que forem admitidos na Escola Rural de Artes e Ofícios do Uíge poderão formar-se nos cursos médios técnico-profissionais de Canalização, Carpintaria, Construções rurais, Corte-e-costura, Electricidade, Ladriho, Mecânica Diesel, Operação e Manutenção de Máquinas Agrícolas, Pintura, Montagem e Reparação de Técnica de Rádio e Televisão, e de Técnicas de Recauchutagem.

“Depois de concluírem a formação, os jovens estarão qualificados técnica e profissionalmente e, portanto, aptos para conseguirem empregos em qualquer região do país”, garantiu o Director Justino Domingos.

O projecto, prosseguiu ele, tem como premissas a inclusão de vários módulos formativos que devem valorizar um conjunto de princípios éticos e morais, por isso vai ajudar a construir o homem do amanhã além de contribuir na redução do número de delinquentes na província. “É bem verdade que existe um grande número de jovens sem ocupação, por isso este projecto chega numa boa altura. Os jovens vão ter a oportunidade de se formar e trabalhar para o bem da sociedade. É a província e o país que saiem a ganhar com isso”, disse. O director provincial da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social enaltece o Decreto Presidencial n.º 157/14 de 11 de Agosto, que autoriza a construção de sete escolas rurais de artes e ofícios em algumas províncias do país. “O projecto é bem vindo, uma vez que a província do Uíge possui um elevado número de cidadãos vulneráveis e interessados em formarem-se do ponto de vista técnico e profissional. A expectativa de ver iniciado o trabalho de construção da Cidadela Jovens de Sucesso é cada vez maior, principalmente na camada jovem”, concluiu.



Milhares de técnicos lançados para o mercado

Está para breve a construção da Escola Rural de Artes e Ofícios. Esta estrutura vai ser erguida nos arredores da aldeia Quivita, a 15 quilómetros da cidade do Uíge, num espaço de cerca de 20 hectares, e terá capacidade para albergar mais de 200 formados que vivem em situação de vulnerabilidade, dos 16 aos 18 anos

Valter Gomes

Antes da conquista da paz havia apenas 18 técnicos formados em artes e ofícios na província do Uíge. Mas fruto de um árduo trabalho, o Instituto Nacional do Emprego e Formação Profissional (INEFOP) lançou para o mercado do trabalho mais de 10 mil jovens. São técnicos especializados nas áreas de Canalização, Electricidade, Construção Civil, Informática, Serralharia, Alvenaria, Mecânica, Agricultura, Carpintaria, Corte-e-Costura e Economia Doméstica.

Nesta Província foram construídos centros de formação profissional e pavilhões de artes

e ofícios em várias localidades. Ali aonde não há infra-estruturas adequadas ao funcionamento dos cursos, de tempos em tempos o INEFOP faz deslocar as suas unidades móveis para assegurar a formação dos jovens ávidos de aprender uma profissão, garantindo o auto sustento das famílias.

Através dos centros móveis de formação profissional colocados de forma periódica em várias localidades dos municípios do Negage, Damba, Dange Quitexe, Alto Cauale, Maquela do Zombo, Bungo, Milunga, Uíge, Mucaba, Puri, Bembe, Ambuíla, Quimbele e Songo, milhares de jovens concluíram os cursos de Marcenaria, Decoração, Culinária, Artesania femi-

— ■ —
A Escola Rural de Artes e Ofícios terá um internato para os formados provenientes de outras localidades e províncias de Angola

nina e Electricidade. Este ano, as unidades móveis, uma de Culinária e Decoração, uma de Electricidade e duas de Marcenaria encontram-se estacionadas nos municípios do Uíge, Dange Quitexe, Bungo e Maquela do Zombo. O INEFOP gere um total de 11 unidades de formação

profissional, entre centros fixos, móveis, e pavilhões de artes e ofícios tutelados pelo Ministério da Administração Pública Trabalho e Segurança Social, que funcionam na sede provincial do Uíge e nos municípios do Negage, Songo e Sanza Pombo.

Esta instituição controla ainda 12 centros privados de formação profissional.

Escola Rural

Justino Domingos, Director Provincial da Administração Pública Trabalho e Segurança Social, anunciou que está para breve o arranque das obras de construção da Escola Rural de Artes e Ofícios “Cidadela Jovens de Sucesso”, no quadro do Programa Nacional de Formação

Profissional de Quadros (PNFPQ). Esta estrutura vai ser erguida nos arredores da aldeia Quivita, a 15 quilómetros da cidade do Uíge, num espaço de cerca de 20 hectares, e terá capacidade para albergar mais de 200 formandos que vivem dos 16 aos 18 anos.

A escola terá ainda um internato para os formandos provenientes de outras localidades municipais e de outras províncias do País.

“É um projecto bastante ambicioso e os técnicos já localizaram o espaço mais adequado para a construção do edifício. Nesta altura aguardamos apenas luz verde do Executivo para o arranque da obra”, disse o responsável da escola.

Boa Colheita



Damba aposta forte na produção agrícola

Um total de 13.444 agricultores integram as 150 Associações de Camponeses e oito Cooperativas Agrícolas catalogadas na Damba. Para a presente época agrícola foram preparados 1.209 hectares de terra para lavras de produção autodirigidas e individuais, pelo que se espera uma boa safra.

António Capitão

A Damba apresenta características climáticas favoráveis para o desenvolvimento da actividade agrícola. O Município possui solos aráveis, com destaque para a vasta planície de Madimba que sai da Comuna do Lêmbua para a fronteira com a República Democrática do Congo (RDC).

O Município também possui uma vasta bacia hidrográfica. O rio Nzadi segue o seu curso para

a RDC e constitui um dos factores que impulsiona os agricultores à apostarem fortemente no sector que emprega um grande número de cidadãos. Um total de 13.444 agricultores integram as 150 associações de camponeses e oito cooperativas agrícolas catalogadas no município.

Para a presente época agrícola foram preparados cerca de 1.209 hectares de terra para lavras de produção autodirigidas, e outras individuais, pelo que se aguarda por uma boa safra no final da

colheita. As fazendas, num total de 12, as quintas agrícolas e várias pecuárias de iniciativas privadas estão a contribuir para o aumento da produção agrícola e da criação do gado bovino na região.

Na Damba, a aquicultura começa a ganhar corpo. Um total de 53 tanques de criação de tilápias, bagres e enguias surgiram com a implementação de seis projectos do género. O Administrador Municipal, Abel do Rosário, disse que os criadores apostam no relançamento das acções de

repovoamento animal. Para aumentar a produção, foram distribuídos inputs agrícolas, insumos e equipamentos de transformação de produtos, além de promover acções de capacitação em técnicas apropriadas para o cultivo.

A iniciativa visa criar condições para a auto-suficiência alimentar e produzir excedentes para vender e adquirir outros bens e serviços. A introdução de novas variedades de cultura de mandioca, batata-doce, amendoim, feijão, milho e outras variedades de cereais, com destaque para o massango, a massambala e a soja, bem como o aumento da plantação de cana-de-açúcar constam das prioridades definidas pela Administração Municipal.

É ainda objectivo das autoridades aquisição e distribuição de equipamentos para a pesca artesanal, criação de escolas de campo para a formação e capacitação dos quadros e a dinamização dos projectos de extensões e desenvolvimento rural executados pela Estação de Desenvolvimento Agrário (EDA).

Nos últimos anos foram concedidos créditos bancários que permitiram potenciar nove associações de camponeses, num

— ■ —
Os serviços de saúde estão agora mais próximos das populações, numa fase em que a aposta das autoridades da Damba é atingir a cifra de 30 unidades hospitalares na região

universo de 387 associados, com nove kits agrícolas e outros equipamentos. Na Damba, a aquisição e distribuição de moageiras facilitou o processo de transformação da mandioca e do milho nas localidades de Mbanza Damba, Mafuangui e Kiteca.

Mais alunos nas escolas

O sector da Educação regista avanços significativos. Em 2016 estavam matriculados no sistema normal de ensino 17.507 alunos, desde a Iniciação ao II Ciclo do Ensino Secundário. Este ano, o número cresceu para 18.513, dis-

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Damba começa a produzir em grande escala

Energia para a industrialização

A Damba pode ganhar nos próximos tempos duas estações eléctricas para melhorar a distribuição do produto aos moradores da vila, das sedes comunais e de outras localidades do município.

As autoridades municipais e a população manifestam-se esperançadas com o impulso que o projecto pode dar ao desenvolvimento da região, com o surgimento do parque industrial. “A energia é um factor determinante para o desenvolvimento. Por isso, será de valia a construção dessas duas estações eléctricas para o nosso município que começa a ter um excedente muito grande na produção agrícola que precisa ser transformado em produtos industriais”, disse o Administrador Municipal.

Neste momento, a distribuição de energia eléctrica para a rede domiciliária e para a iluminação pública da vila depende de uma central térmica com capacidade de 600 kva. “Essa capacidade não é suficiente, uma vez que o nosso município tem registado um crescimento populacional muito grande, que precisa ser acompanhada por um conjunto de infra-estruturas sociais”, frisou Abel do Rosário.

Quanto à água, nas sedes comunais e regedorias foram construídos pequenos sistemas de captação, tratamento e abastecimento do precioso líquido, que beneficiam mais de 20 por cento da população local. O Município tem uma população de 66.472 habitantes.

Registo de nascimento

Vários cidadãos nacionais, sobretudo os regressados da RDC, que não possuíam qualquer documento de identificação, viram os seus problemas resolvidos à luz do Decreto Presidencial 80/13 de 5 de Setembro, que isenta o pagamento de emolumentos no processo de registo de nascimento. Até agora, já foram registados 6.329 cidadãos e emitidos 656 assentos de nascimento gratuitos a crianças dos zero aos cinco anos de idade, 6.347 certidões diversas e 5.835 processos diversos.



MAVITIDI MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



Os sinais do desenvolvimento começam a ser sentidos no Município da Damba, onde a população espera por mais investimento privado

tribuídos em 82 escolas. Mais de 400 professores asseguram o processo de ensino e aprendizagem. Além das acções desenvolvidas pela Administração Municipal, alguns parceiros sociais contribuíram com a construção de cinco escolas comunitárias, num total de 19 salas de aula. Ao todo, existem 217 salas de aula definitivas.

O Administrador Abel do Rosário afirma que a principal preocupação é encontrar mecanismos para uma melhor distribuição de material didáctico nas escolas do ensino primário. Abel do Rosário destacou, por outro lado, o programa de distribuição da “Merenda Escolar” pela sua contribuição na redução do insucesso escolar, absentismo, e no aumento dos níveis de aproveitamento escolar.

Saúde em expansão

Os serviços de saúde estão agora mais próximos das populações, numa fase em que a aposta das autoridades da Damba é atingir a cifra de 30 unidades hospitalares na região.

Para a materialização desta meta, o administrador municipal fala da necessidade de construção de cinco novas unidades de saúde

para assegurar a assistência médica nas localidades de Kinzingo Mpelo, Simuakongo, Mbemba Kazumbi, Kazumbi e Mbanza Lêmbo.

Neste momento decorrem obras de construção e ampliação de estruturas sanitárias nas localidades de Tema, Kazumbi, Yocola e Luzuanda.

A Saúde tem 25 unidades, sendo um Hospital Municipal com capacidade de 154 camas, um Hospital Materno-Infantil, dois Centros de Saúde e 21 Postos Médicos em funcionamento nas comunas do Nsosso, Lêmbo, Nkama Ntambo e Nkusso Pete, e na sede municipal, localidades onde os serviços de assistência são assegurados por duas médicas, 46 enfermeiros, quatro técnicos de diagnóstico terapêuticos, além de 16 funcionários que realizam trabalhos de apoio.

O Hospital Municipal tem serviços de medicina geral, com uma média de 58 consultas por dia. A maior unidade do município é de referência. Atende centenas de mulheres com problemas de fístulas obstétricas, provenientes de diversos pontos do País. Já o Hospital Materno-Infantil funciona no apoio aos serviços do Hospital Municipal.

Melhoria nos acessos e na sinalização de trânsito

Da cidade ao Município da Damba a estrada é asfaltada e devidamente sinalizada, prosseguindo para o município de Maquela do Zombo até ao posto fronteiriço de Kimbata. Mas a circulação para as comunas ainda é feita com muitas dificuldades. A propósito, o Administrador Municipal da Damba, Abel do Rosário, disse que tudo está a ser feito para que sejam realizados, num curto espaço de tempo, os trabalhos de terraplenagem dos troços que ligam a sede do município às comunas da Lêmbo e Nkama Ntambo, uma vez que a via para a comuna do Nkusso Pete já beneficiou de obras de reabilitação.

A Comuna do Nsosso é atravessada pela estrada asfaltada que liga a cidade do Uíge ao município. Abel do Rosário defende também a reabilitação do troço que liga a Damba ao Lucunga, para facilitar a ligação com o município do Bembe.

Na Damba os serviços de telecomunicações são assegurados pelas duas operadoras telefonia móvel, Unitel e Movitel. A comunicação institucional tem suporte do sistema de VSAT para garantir a troca de informações entre a administração municipal e as comunais.



Mais investimentos

Vários projectos, programas e políticas implementadas no município desde o alcance da paz, em 2002, contribuem para a melhoria das condições de vida das populações locais. Mas ainda assim, é necessário que se dê continuidade às acções de construção de mais infra-estruturas sociais nas localidades que ainda não beneficiaram de escolas, centros de saúde, postos médicos, água e energia eléctrica.

A população espera por mais investimentos privados nos domínios da hotelaria e turismo, comércio,

espaços de recreação e lazer, salões de beleza e barbearias, boutiques, padarias, câmaras de frio para comercialização de frescos, farmácias, centros de formação profissional, oficinas auto e estações de serviço, entre outros investimentos.

Com uma população estimada em 66.472 habitantes, maioritariamente camponesa, o município da Damba possui quatro comunas, nomeadamente o Nsosso, Lêmbo, Nkama Ntambo e Nkusso Pete, 37 Regedorias e 270 Aldeias. O Município ocupa uma extensão territorial de cerca de 17.920 quilómetros quadrados.

Kyanvu Muana Uta

FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE



O rei Kyanvu Muana Uta Kambamba (centro) ladeado pela família e conselheiros



A tradição no Alto Zaza

Dentro da nganda, o som da marimba associou-se ao do mondo. Os dois instrumentos produziam um ritmo musical muito agradável, que fez um dos kilolas a saltar da cadeira para dançar

Nicodemos Paulo

No Alto Zaza, uma comuna do município de Quimbele, ouve-se ao longe o som do mondo, um instrumento musical tradicional. Timidamente um grupo de jovens dirige-se à nganda, palácio do rei Muana Uta, a máxima autoridade tradicional. Próximo da porta, o homem que acompanha a equipa de reportagem do Jornal de Angola adverte: “se formos autorizados a entrar, ninguém faz qualquer gesto sem o meu sinal”.

Entrámos na “nganda do kyanvu” (casa do rei) e lá dentro estão 20 pessoas em pé. Passámos por uma espécie de labirinto e depois de transpormos várias portas encontramos Kyanvu Muana Uta Kabamba, sentado na sua poltrona de madeira. A cadeira está forrada de peles de onça e hiena.

A autoridade tradicional estava rodeada de 12 kilolas, representantes das 12 tribos da região, trajados de huconzos. Dentro da nganda, o som da marimba associou-se ao do mondo. Os dois instrumentos produziam um ritmo musical muito agradável, que obrigou um dos kilolas a saltar da cadeira para apresentar a “unsanga”, dança que evoca os ancestrais e desejam boas vindas aos visitantes. Ao sinal de Muana Uta, entregaram-nos um prato com cola, sal e uma galinha viva. “Pronto, somos bem-vindos” segredou Jorge Kamâmbua.

Símbolos do passado

O rei apresenta-se publicamente com vários símbolos que identificam o seu poder. Na cabeça, usa uma coroa feita de missangas, serapilheiras e vários mpunguis (chifres), uma pulseira feita de

tripas de cabras atada aos pés, muconzo (enxota moscas), uma catana de dois gumes e traja uma pele de hiena. Reside numa casa de pau a pique com os seus guardas e várias mulheres. A primeira tem o título de Nkaka Muadi Hinda. Ele as visita mediante um calendário previamente organizado. Elas são vigiadas discretamente e, em caso de adultério, a mulher é expulsa. O amante é detido durante dois meses, período em que é obrigado a trabalhar para o rei e a pagar uma multa.

António Charles

António Charles é o seu verdadeiro nome. Depois de ser eleito apresentou às comunidades os ideais que vão orientar a sua actividade. O soberano confessou ao Jornal de Angola que os seus antecessores não tiveram a tranquilidade para dirigir bem os interesses das comunidades, “Quero ajudar o Estado a atrair bens e serviços para esta comunidade rural, conservar os locais com valor histórico, símbolos e ritos tradicionais”.

O palácio de Muana Uta foi construído na sede comunal do Alto Zaza, que dista 60 quilómetros do município do Quimbele. Muana Uta Kabamba é uma instituição política comunitária tradicional, restaurada oficialmente pelo Estado angolano no I Encontro Nacional Sobre Autoridades Tradicionais em Angola, realizado em Luanda, em Março de 2002.

A criação do reino Muana Uta

O antigo reino Muana Uta Kabamba foi formado por descendentes do reino Bayaka. Segundo a lenda, o reino foi fundado pelo filho mais velho de Muata Kyanvo (fundador do império Lunda).

Muana Uta Kabamba foi afastado da corte do Rei Muata Kyanvo, seu pai, para evitar um conflito com os seus irmãos Nawesi, Nsimba Nkumbi, Muanga, Mayoyo e Ikomba, que o acusavam de feiticeiro. Muata Kyanvo deu alguns símbolos do poder ao filho e aconselhou-o a transpor o rio Cuango, para na outra margem criar o seu próprio reino. Muana Uta obedeceu e instalou-se na região do Mapumbu, actual município dos Buengas, mais foi no Alto Zaza que construiu a sua sede. Alguns anos depois, Ibula, o filho de sua irmã Nawesi foi recebido por Muana Uta sem ressentimentos.

Mais tarde, depois do falecimento de Kyanvu Muana Uta criou-se grande confusão, os sobrinhos entenderam acabar com o nome do tio, Muana Uta Kabamba, e entronizaram no poder o Mbua Yemba, um dos filhos de Nawesi, que também teve a responsabilidade

de trocar o nome do reino, passando a chamar-se Reino Mbua Yemba.

Este conflito provocou a divisão do reino e das suas gentes até aos nossos dias. Os descendentes de Mbua Yemba continuam a exercer a sua autoridade na comuna do Kuango, ostentando o mesmo título e reclamando para si a legitimidade do reino enquanto os descendentes de Muana Uta dominam o Alto Zaza, beneficiando do reconhecimento das instituições do Estado. António Charles foi eleito no dia 25 de Junho de 2011, pelos 12 kilolas, que representam as 12 famílias. mais importantes e os 120 sobas que participam na administração da região. O novo chefe concorreu com outro descendente directo de Muana Uta e obteve 129 votos a seu favor, e três contra. O sucessor de Kilomesso Kiala Mawenga é professor de profissão e tem 55 anos.

O anterior chefe governou durante 32 anos, de Agosto de 1978 a Novembro de 2010. Kilomesso Kiala Mawenga realizou várias viagens pelo país e ao estrangeiro.

Segurança Social



FILIPE BOTELHO | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

Empresas começam a ganhar consciência do papel da Segurança Social



Isabel Paxe garante a redução das infracções pelas entidades empregadoras

A Inspeção-Geral do Trabalho tem vindo a informar os empregadores e os trabalhadores do cumprimento das normas de segurança e higiene no trabalho



Aumenta o número de trabalhadores inscritos

Mais de 42 mil trabalhadores estão registados na Direcção Provincial da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social. As empresas que não cumprirem com as suas obrigações têm sido levadas às barras do tribunal

Valter Gomes

O número de trabalhadores assegurados aumentou de 18.253, em 2011, para 42.472, em 2017, revelou o Director Provincial da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social (DPAPTSS). Justino Domingos explicou que, no mesmo período, a Província do Uíge viu aumentar igualmente o número de pensionistas de 2.175 para os actuais 4.223. Já o número de contribuintes triplicou nos últimos anos, passando de 367, em 2011, para 1.239 até Março de 2017.

O Director Provincial da DAPTSS destacou que os Serviços Integrados de Atendimento ao Cidadão (SIAC) atenderam até agora 1.155.262 cidadãos, só no sector empresarial, e 155.473 cidadãos nos serviços públicos. Sobre as infracções cometidas nas empresas públicas e privadas, Justino Domingos disse que o registo é de 1.408 contra a Lei Geral do Trabalho e em 2.178 inspecções realizadas nos últimos 10 anos.

A Inspectora-Geral do Trabalho, Isabel Paxe, disse ao *Jornal de Angola* que, do número de infracções registadas, foram levantados 78 autos de notícias,

sendo que 47 foram legitimamente pagos e 31 outros, por incumprimento da lei, foram remetidos ao Tribunal Provincial do Uíge, para o devido tratamento. “Não há contemplanções para com os violadores da lei e todo aquele que não cumprir vai responder em tribunal”, disse Isabel Paxe.

A Directora apontou a falta de contratos, despedimentos de trabalhadores sem justa causa, falta de pagamento de salários, maus tratos, falta de higiene e de inscrição dos trabalhadores na Segurança Social, inexistência de uniformes e violação dos horários normais

— ■ —
A falta de contratos, despedimentos justa causa, falta de pagamento de salários, maus tratos, falta de higiene e de inscrição na segurança social e violação dos horários de trabalho, são infracções detectadas

de trabalho, como sendo algumas das infracções detectadas. Segundo Isabel Paxe, as infracções têm vindo a reduzir, fruto das visitas inspectivas e palestras realizadas. Em relação à segurança, higiene e saúde no trabalho, os Serviços de Inspeção registaram 16 acidentes de trabalho, sendo cinco leves, sete graves e quatro fatais.

“A instituição tem informado os empregadores e trabalhadores da importância do cumprimento rigoroso das normas sobre segurança e higiene no trabalho, de acordo com o estipulado no Decreto 31/94 de 5 de Agosto”, disse Isabel Paxe.

Igreja Católica



Diocese comemorou as bodas de ouro

Desde a sua criação em 1967, a Diocese do Uíge fundou os seus pilares na divulgação do Evangelho e na promoção do homem. D. Francisco da Mata Mourisca, hoje Bispo Emérito, foi o primeiro Bispo nomeado durante a sua criação

Nicodemus Paulo

Súplicas e acções de graças a Deus e homenagens ao bispo emérito do Uíge, Dom Francisco da Mata Mourisca, e aos diferentes grupos e movimentos religiosos marcarão as bodas de ouro da Diocese Católica do Uíge, criada através da Bula “Apostólico Ofício” do Papa Paulo VI, em 14 de Março de 1967, com o título de Diocese de Carmona e São Salvador, tomando a designação de Uíge e S. Salvador em 1979.

Posteriormente, em 8 de Dezembro de 1984, com o desmembramento que deu origem à criação da Diocese de Mbanza Congo, ficou com a denominação que tem actualmente.

A Diocese do Uíge é herdeira de uma longa história, impregnada de heroísmo e repleta de vicissitudes. A assistência religiosa, por altura da criação da Diocese, era feita em dez centros principais do Uíge, Negage, Sanza Pombo, Cangola, Maquela do Zombo, Quimbele, Santo António do Zaire e Ambrizete.

Desde a sua criação em 1967, a Diocese do Uíge fundou os seus pilares na divulgação do evangelho e na promoção do homem. Dom Francisco da Mata Mourisca, primeiro Bispo nomeado aquando da criação da Diocese, actualmente Emérito, afirma que a Igreja Católica no Uíge participou activamente no desenvolvimento socio-cultural da Província, através dos seus programas de educação, saúde e assistência humanitária.

“Construímos escolas do primeiro nível ao ensino médio que facilitou o acesso das populações rurais ao ensino. Nessa esteira, construímos ainda escolas primárias em todas as missões, uma Escola de Formação de Professores e o seminário, aliás não havia nenhuma outra instituição, nem sequer estatal, que tinha nesta província uma rede escolar comparável à da Igreja Católica a nível liceal”, afirmou o Bispo.

O prelado referiu que o sector da Saúde foi outra aposta da Igreja para auxiliar a população rural, dado que a prioridade do Estado colonial eram as grandes cidades.

É assim que, em 1971, construiu a Escola de Enfermagem de Carmona, sob orientação do padre Sérgio Zotti, que formou vários técnicos que prestaram assistência aos hospitais do Uíge, Maquela do Zombo, Damba, Negage, Sanza Pombo e Cangola.

“Após a Independência, a Igreja Católica foi pioneira no combate à tripanossomíase, doença que arrasava povoações completas. Através da Caritas, construímos um hospital na cidade do Uíge para socorrer os doentes tripanossomiosos que chegavam em grande número”, disse Dom Francisco, para de seguida sublinhar que a assistência humanitária é um campo que a Igreja sempre privilegiou.

“Para assistir às populações da região, atraímos a atenção dos leigos voluntários portugueses e italianos, médicos que oportunamente minimizaram a gritante falta de técnicos de saúde nos hospitais da província. Este exercício era feito regularmente para garantir a minimização das necessidades dos nossos confrades”, frisou o prelado católico.

— ■ —
Nos últimos dez anos, a Diocese do Uíge tem estado a trabalhar mais na evangelização das famílias, na instrução pré-escolar de crianças, na dinamização dos movimentos juvenis, na promoção da mulher, no acolhimento de meninos desfavorecidos e noutros projectos que visam o bem-estar das famílias

Primeiros missionários

A primeira presença de um missionário católico no Uíge data de 1920, mas de forma oficial acontece a 16 Junho em 1937 com a chegada, a Maquela do Zombo, do padre Manuel Alves Saganha,

que era do clero missionário português. Nessa altura, cria-se a primeira paróquia com registo de baptismo, depois, foram-se seguindo outras, como revelou Dom Francisco.

“No princípio, foram-se criando pontos fulcrais onde se começou a lançar a palavra de Deus. Outro ponto de irradiação da pastoral foi a Missão de Sanza Pombo, por acção do mesmo padre, Manuel Alves Saganha, em 8 de Julho de 1940, e assim foram-se criando as comunidades de Bembe, Songo, Quimbele, Cangola, e a última missão criada antes do Uíge passar à categoria de Diocese foi a do Negage”, revelou Dom Francisco, acrescentando que “o tempo foi passando com a presença dos padres Capuchinhos, que veio dar um grande impulso. Eles chegam ao território do Uíge a 24 de Junho de 1948 e cria-se a Missão da Damba”.

Desafios actuais da Igreja

Nos últimos dez anos, a Diocese do Uíge tem estado a trabalhar mais na evangelização das famílias, na instrução pré-escolar de

EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

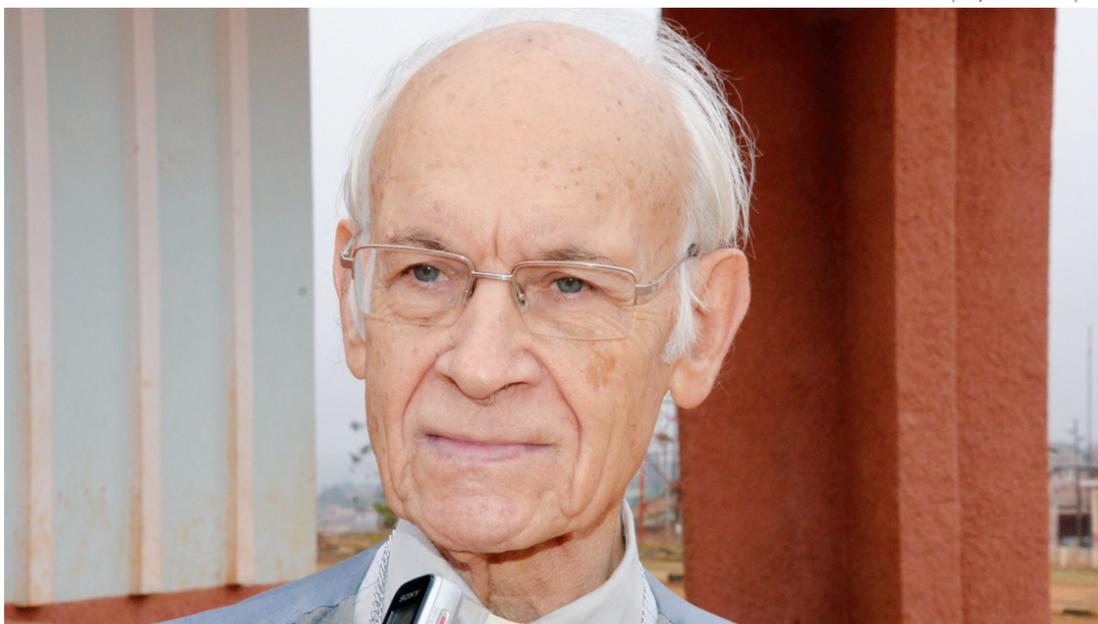


EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

EUNICE SUZANA | EDIÇÕES NOVEMBRO | UÍGE

A promoção da mulher tem sido um das preocupações da Igreja Católica no Uíge

Os fiéis católicos comemoraram com orações e súplicas as bodas de ouro da sua Diocese



Bispo Emérito da Diocese do Uíge, Dom Francisco da Mata Mourisca

crianças, na dinamização dos movimentos juvenis, na promoção da mulher, no acolhimento de meninos desfavorecidos e noutros projectos que visam o bem-estar das famílias.

“Os nossos tempos são difíceis, exigem de nós revisões sucessivas nos programas e metodologias de evangelização para manter acesa a chama da fé cristã. Em Abril, celebramos o jubileu dos 50 anos da Diocese, por isso, o clero e o povo de Deus são chamados a assumir uma postura diferente na evangelização de outros povos”, referiu Dom Francisco da Mata Mourisca.

Saudação do Papa

Na ocasião da celebração dos 50 anos da fundação da diocese do Uíge, “bodas de ouro” do bispo emérito D. Francisco da Mata Mourisca e 10 anos de “bodas de estanho” do D. Emílio Sumbelelo, o Papa Francisco enviou uma mensagem de felicitação, paz, fraternidade e fé no seio dos sacerdotes e fiéis da Igreja Católica no Uíge.

Na mensagem, lida pelo Núncio Apostólico, Dom Petar Najic, o Papa Francisco saudou o bispo Dom Francisco da Mata Mourisca, os sacerdotes, consagrados, fiéis e leigos de toda circunscrição eclesial do Uíge que guardam o testemunho evangélico recebido daqueles que deram a vida para honrar Cristo.

“Partilhando o Jubileu e gratidão de todos pela significativa efeméride, o Santo Padre invoca os dons de abundância do espírito

santificador, para que firmes na fé e na esperança que dos vossos antepassados que vós próprios recebestes no baptismo possam aprofundar a vida de união com o senhor, perdoar e unir os homens entre si e prosseguir corajosa e santamente”, leu o Núncio Apostólico.

O Bispo da Diocese do Uíge,

— ■ —
Não encontramos expressão suficiente para agradecer esta profunda gratidão, mas reconhecemos que Dom Francisco da Mata Mourisca, com a pregação do evangelho, uniu a comunidade diocesana na mesma fé e com a celebração da eucaristia reuniu à volta da mesma mesa onde Cristo fez o alimento dos fiéis da sua Igreja

Dom Emílio Sumbelelo, reconheceu e enalteceu a trajetória histórica da Diocese do Uíge, bem como a dimensão, coragem esforço e capacidade espiritual de D. Francisco da Mata Mourisca na condução dos destinos da diocese durante 50 anos e na congregação

de milhares de fiéis e cristãos que buscam a paz na casa de Deus.

“Não encontramos expressão suficiente para agradecer esta profunda gratidão, mas reconhecemos que Dom Francisco da Mata Mourisca, com a pregação do Evangelho, uniu a comunidade diocesana na mesma fé e com a celebração eucarística reuniu à volta da mesma mesa onde Cristo fez o alimento dos fiéis da sua Igreja”, disse, acrescentando que na verdade o bispo criou a família diocesana e actuou no vínculo da união entre os fiéis por meio do evangelho e da eucaristia.

O prelado disse que “a palavra de Deus é sempre viva e eficaz, ela congrega a Igreja e gera os novos cristãos, por isso, encorajou os fiéis a acreditarem cada vez mais na palavra de Deus, orando fervorosamente para o bem-estar, salvação da vida humana e cumprir com os ensinamentos da Bíblia para que a fé, o amor, a misericórdia e a paz resplandeam no seio das famílias, sobretudo as novas gerações”.

“Vivemos num mundo em turbulência. Cheio de problemas. Por isso, as famílias devem cada vez mais procura o aconchego de Deus porque Ele nunca abandona os seus filhos. Mas para se achegar a Deus é necessário orarmos sempre, porque é por via da oração que podemos conversar com ele e apresentar as nossas preocupações. Mais uma vez apelo as famílias a cumprirem com os ensinamentos da Bíblia”, disse Dom Emílio.

Datas marcantes da Igreja

- 1967** Criação da Diocese do Uíge
- 1937** Chegada do Padre Alves Saldanha
- 1971** Construída a Escola de Enfermagem

Uma vida dedicada ao Evangelho

Dom Francisco de Mata Mourisca, também chamado José Moreira dos Santos (nome civil), nasceu a 12 de Outubro de 1928, na então freguesia de Mata Mourisca (donde lhe vem o nome), Diocese de Coimbra (Portugal).

É filho de Francisco dos Santos e de Deolinda de Jesus Moreira. Formou-se em Teologia na Universidade de Salamanca (Espanha) em 1957. Exerceu vários cargos de responsabilidade, entre os quais o de Ministro Provincial dos Capuchinhos em Portugal.

Nomeado Bispo do Uíge por Beato Papa Paulo VI, a 14 de Março de 1967, e ordenado nesta função a 30 de Abril de 1967, no Porto. Acumulou, por algum tempo, os cargos de Bispo de Carmona e de Mbanza Congo até à criação da actual Diocese de Mbanza Kongo. Alguns padres ordenados por Dom

Francisco e que chegaram ao Episcopado são: Dom Afonso Nteka, 1.º Bispo de Mbanza Kongo, Dom Almeida Kanda, Bispo de Ndalandando, e Dom Luzizila Kiala, Bispo do Sumbe.

Como membro da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST), exerceu o cargo de Secretário-Geral e Presidente do Movimento Propace, em cujas funções organizou os dois Congressos Nacionais Propace.

Esteve à frente da Diocese durante 41 anos (1967-2008). Até ao momento, foi o Bispo Emérito da CEAST que fez mais tempo no episcopado. Foi substituído por Dom Emílio Sumbelelo, como Bispo do Uíge, em 2008. Como membro da CEAST, exerce o cargo de Presidente da Comissão Episcopal para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-Religioso.

Centro Oftalmológico



Nos últimos cinco anos foram realizados mais de três mil operações na sua maioria a pessoas que padeciam de cataratas e glaucoma

nos, o funcionamento dos serviços de saúde é assegurado por três médicos, dois dos quais são expatriados, um de nacionalidade russa e outro indiano, 59 enfermeiros, sendo 38 efetivos e 21 contratados, para além de outros funcionários administrativos e de apoio técnico-hospitalar. A malária e as diarreias agudas são as patologias mais frequentes.

Para devolver a visão a milhares de pessoas, o Centro Oftalmológico do município do Bungo tem uma área de cirurgia com capacidade para atender 110 doentes

Rede escolar

O número de escolas no Município do Bungo passou de 17 estabelecimentos de Ensino de carácter definitivo, que somavam 46 salas, para 26, perfazendo um total de 153 salas. A Administradora Municipal, Rosa Pedro Garcia, disse que nesta altura decorrem obras de construção de mais duas escolas com sete salas de aula cada.

A maior parte das localidades do Município do Bungo tem escolas, sendo uma compartilhada, duas do I Ciclo do Ensino Secundário com quatro núcleos em funcionamento nas aldeias de Banza Lucunga, Quiombo II, Gombe e Quicunga I. O II Ciclo do Ensino Secundário conta com uma escola e duas salas anexas nas localidades de Quicunga I e no Banza Lucunga. "Em 2002 só havia dois níveis de ensino: o Primário e o I Ciclo. Agora, em algumas aldeias do Município, os jovens já podem terminar o Ensino Médio, sem qualquer complicação", disse Rosa Pedro Garcia.

Em 2002 havia apenas 6.674 alunos matriculados, mas hoje a população estudantil cresceu para 14.333 alunos nos três níveis de Ensino em funcionamento no Município. O número de professores também subiu de 165 professores para 492. É muita obra.

Cidadãos com cataratas recuperaram visão no Bungo

Para além de devolver a visão a milhares de pessoas, o Centro Hospitalar Oftalmológico tem uma área de Cirurgia e outra de Ginecologia

Joaquim Júnior

O Município do Bungo tornou-se mais conhecido nos últimos anos depois do desenvolvimento do Centro Hospitalar Oftalmológico. Construído em 2012, este Centro, que atende vários doentes provenientes de diversas regiões do País, realizou nos

últimos cinco anos 3.354 operações, 1.467 das quais em pessoas que padeciam de cataratas, 1.344 com glaucoma, 121 de PTY e outras 422 que apresentavam complicações diversas.

Para além de devolver a visão a milhares de pessoas, o Centro tem uma área de cirurgia com capacidade de atender 110 doentes, e outra de ginecologia. Atra-

vés das campanhas de vacinação, foi possível administrar doses de Pólio 1, 2 e 3 a um total de 10 mil e 225 crianças. No Município do Bungo, pelo menos 2.550 pessoas foram vacinadas contra a Febre-amarela e outras 6.226 contra o Sarampo. A saúde da mulher esteve sempre entre as prioridades dos serviços de saúde no Município, tendo sido

vacinadas 5.865 mulheres grávidas contra o Tétano, além de outras 11 mil e 174 em estado de mãe e em idade fértil.

Foram também aplicadas injeções de tétano a 2.522 pessoas com diferentes problemas de saúde. Outras vacinas, como Pentavalente 2, 3 e 4, BCG, Pepatite - B, Pneumonia 1, 2 e 3, Vitamina A, Rota Vírus, e outras, imunizaram 17.973 pacientes.

Quanto à saúde materno-infantil, a área de consultas externas atendeu 37.569 doentes e o Banco de Urgência 7.013. O Município controlava um número reduzido de unidades sanitárias e de profissionais de saúde. Até 2011 o Bungo possuía apenas um centro de saúde com 22 camas. De 2012 a 2017 a rede de saúde passou a contar com 21 centros de saúde, um hospital com capacidade para 70 camas, e 16 postos de saúde devidamente apetrechados. No que diz respeito aos recursos huma-

PUBLICIDADE

ARDINAS
DISTRIBUIDORES
LIVRARIAS
QUIOSQUES

SAIBA COMO
COMPRAR E VENDER
JORNAIS DE FORMA SEGURA

DIZ-NOS

QUANTOS DESEJA
E COMPRE AO PREÇO JUSTO
SEM INTERMEDIÁRIOS!

QUER MAIS INFORMAÇÕES?

☎ 926 569 076 / 923 336 616 / 924 379 768

🏠 Ou dirija-se às Edições Novembro
Rua Rainha Ginga 18 - Luanda



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa

JORNAL DE
ANGOLA

JORNAL DOS
DESPORTOS

JORNAL DE
ECONOMIA & FINANÇAS

JORNAL
CULTURA